

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

SABRINA DA SILVA DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO SOCIAL PELA LEITURA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS DA CIDADE
DO RIO GRANDE, RS: AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

RIO GRANDE, RS

2016

SABRINA DA SILVA DE OLIVEIRA

**INCLUSÃO SOCIAL PELA LEITURA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS DA CIDADE
DO RIO GRANDE, RS: AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito básico para conclusão do Curso de Biblioteconomia Bacharelado.

Orientadora Prof^a. Dr. Gisele Dziekaniak

Coorientador Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva

RIO GRANDE, RS

2016

O494i Oliveira, Sabrina da Silva de.

Inclusão social pela leitura em bibliotecas públicas da cidade do Rio Grande, RS : as pessoas em situação de rua / Sabrina da Silva de Oliveira. - 2016.

77 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Biblioteconomia - Bacharelado) - Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande/RS, 2016.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Gisele Dziekaniak
Coorientador Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva

Catálogo na fonte: Alessandra Lemos CRB10/1530.

INCLUSÃO SOCIAL PELA LEITURA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS DA CIDADE DO RIO GRANDE, RS: AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Gisele Vasconcelos Dziekaniak (Orientadora)

ICHI/FURG

Prof. Dr. Cláudio Renato Moraes da Silva (Co-Orientadora)

ICHI/FURG

Prof. Dr.^a Renata Braz Gonçalves

ICHI/FURG

Bibliotecária Me. Magali Martins Aquino

Agradecimentos

Enumerar a quantidade de pessoas que contribuíram para este projeto chamado biblioteconomia, seria impossível. Utilizarei este espaço para lembrar de algumas pessoas que fizeram esta caminhada mais leve e alegre.

Agradeço a minha família por toda a bagagem que construiu parte do que sou: Minha mãe Fatima, meu pai Carlires, minhas irmãs Bárbara, Bianca e Natália. Minha tia Marisa e minha vó Lucília.

Agradeço a meus amigos da Universidade Federal do Rio Grande – FURG: Meus colegas de sala. Meus companheiros de luta que fizeram parte do Centro Acadêmico de Biblioteconomia: Raquel, Magnum, Jeronimo, Maiara, Carla e Marcelo. Aos amigos: Leno, Hilda, Catharina, Heliomar e Leandro por todas as coisas que me permitiram aprender, construir e por me ajudarem a sobreviver. Aos amigos do Sistemas de Bibliotecas – SIB: Alessandra, Cibele, Camila (Rafael) e Roseli. Aos professores do curso de Biblioteconomia, em especial meus orientadores Claudio e Gisele. Aos colegas do CENPRE por todo o aprendizado: a Cristiane Marcos, por me ensinar como um líder deve ser. Aos colegas do Projeto Rondon: Mariana, Rodolfo, Guilherme, Ana Carolina, Ana Luisa, Letícia, Fabiane, Maria e Thamires. E todos os outros que encontrei nos caminhos da FURG.

As colegas da Antônio Meneghetti Faculdade Jusélia e Claudiane.

Agradeço ao casal Sandra e Deja, ao Paulo, sem vocês para me auxiliar e ajudar no início nada disto seria possível.

Em especial, quero agradecer a Isabela, por todos os sorrisos, por todos os gestos e por ter vindo abrilhantar nossa casa. A Amanda, pela amizade. A Regina, por tudo, foi força desde o princípio, assim como hoje.

Obrigada.

A riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor.

(LEFFA, 1994)

[...] Eu gosto bastante [de ler] só que as vezes eu tenho [ficado] assim desnortado, desiludido da vida porque assim, eu quero mais arrumar um trabalho para mim. Eu sei que é fácil pegar um livro e ler, mas a minha situação está difícil sabe? Eu quero arrumar um trabalho eu quero sair dessas drogas também, agora eu estou parado eu não quero mais. Eu quero arrumar um trabalho eu quero dar um jeito na minha vida eu sei que eu tenho capacidade de dar um jeito na minha vida, mas as oportunidades eu não achei ainda [...]

(Fragmento da entrevista de A2)

De absoluto existe somente o ser.
Todo o resto é um constante relativo.

(MENEGETTI, 2012)

RESUMO

O presente estudo vem discutir o grau de importância da biblioteca pública como fomentadora da inclusão social na cidade do Rio Grande, RS e a relação do morador de rua e seu acesso a biblioteca. Para tanto é realizado um levantamento teórico sobre os temas: inclusão social, biblioteca pública, pessoas em situação de rua, dignidade da pessoa humana, redes de atendimento ao morador de rua e leitura. Além disto, realizamos entrevistas com 12 pessoas em situação de rua e 4 bibliotecas da cidade. A pesquisa possui cunho qualitativo, utilizando-se da técnica da análise do discurso coletivo, sendo realizada no segundo semestre de 2016. Ao final da pesquisa podemos observar que o morador de rua possui interesse por bibliotecas públicas e leituras. Já as bibliotecas públicas de Rio Grande precisam de projetos e parcerias com a rede de atendimento, que ajudem no contato com a pessoa em situação de rua, para oferecer serviços e mediação da leitura, abrindo caminho para além de suas paredes. É preciso que a rede pública municipal aborde a formação para bibliotecários para que estes estejam capacitados no atendimento deste público diferenciado.

Palavras-chave: Biblioteca pública. Pessoa em situação de rua. Inclusão social. Biblioteconomia. Leitura.

ABSTRACT

This present article aims to discuss the level of importance of the public libraries as a social inclusion fomenter in the city of Rio Grande, RS and the relations between the homeless and his access to a library. To do so, a theoretical survey was made about the topics: social inclusion, public library, homeless citizens, human dignity, service networks to support the homeless situation and reading. Besides that, interviews have been made with 12 people in a homeless environment and 4 libraries in town. The research has a qualitative purpose, using the collective discourse analysis technique, done on the second semester of 2016. At the end of the survey, we can observe that the homeless citizens have interest in the public libraries and readings. The public librarians in Rio Grande though, need projects and partnerships with the local service network support that might help the contact with the homeless person, to offer services and reading mediations, opening this way to beyond it's walls. The municipal public network need to approach the librarians formation so they can be capable to attend this different public.

Keywords: Public library. Homeless. Social inclusion. Librarianship. Reading.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto aérea da cidade de Rio Grande	18
Figura 2 - Fachada da Biblioteca Rio-Grandense.....	24
Figura 3 - Placa da Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato.....	25
Figura 4 - Imagem colada na porta de entrada da Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato	25
Figura 5 - Fachada da Biblioteca Pública Amaury dos Santos	26
Figura 6 - Acervo Biblioteca Municipal Érico Veríssimo	27
Figura 7 - Painel de recados e informações	27
Figura 8 - Fachada da ASSORAN.....	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero das pessoas em situação de rua entrevistadas	43
Gráfico 2 - Grau de estudo	46
Gráfico 3 - Estado civil.....	47
Gráfico 4 - De número de sujeitos que tem e não filho	48
Gráfico 5 - Aspectos sobre o grau de leitura	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Local de origem das pessoas em situação de rua.....	44
Tabela 2 - Razões que levaram a situação de rua.....	44
Tabela 3 - Profissão.....	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Aspectos da leitura	50
Quadro 2 - Frequência, atividades e gosto por bibliotecas.....	53
Quadro 3 - Bibliotecas públicas de Rio Grande: Conhece? Gostaria de conhecer?	55
Quadro 4 - Mediação da leitura oral por terceiros	57
Quadro 5 - Bibliotecas e o atendimento a pessoas em situação de rua.....	60
Quadro 6 - Bibliotecas e atividades para pessoas em situação de rua	61
Quadro 7 - Pessoas em situação de rua como usuário potencial.....	62
Quadro 8 - Importância do atendimento a pessoa em situação de rua	63
Quadro 9 - Instituições parceiras.....	64
Quadro 10 - Mediação da leitura	64
Quadro 11 - Oferta de atividades de mediação da leitura	65
Quadro 12 - Biblioteca como fator de inclusão social.....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 A cidade de Rio Grande	17
2.2 Pessoas em situação de rua	18
2.3 Bibliotecas públicas e seus serviços	19
2.4 As bibliotecas públicas da cidade do Rio Grande	22
2.4.1 Biblioteca Rio-Grandense: biblioteca particular de caráter público	23
2.4.2 Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato.....	24
2.4.3 Biblioteca Pública Amaury Dos Santos	26
2.4.4 Biblioteca Pública Municipal Érico Veríssimo	26
2.5 Pessoas em situação de rua e as bibliotecas	27
2.5.1 Bibliotecas públicas, leitura e parcerias: algumas experiências no brasil	28
2.6 A leitura	30
2.6.1 Dados sobre a leitura no brasil.....	31
2.7 A dignidade da pessoa humana	32
2.7.1 Inclusão social.....	34
2.7.2 Políticas públicas para pessoas em situação de rua.....	36
2.7.3 Às redes de atendimento à população de rua de rio grande	38
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1 Identidade dos pessoas em situação de rua	43
4.2 Aspectos do perfil dos entrevistados	50
4.3 Análise das questões discursivas com base na técnica do discurso do sujeito coletivo	50
4.3.1 Análise dos discursos das pessoas em situação de rua: leituras, bibliotecas e mediação.....	58
4.4 Bibliotecas	60
4.4.1 Expressões chaves e ideias centrais dos indivíduos entrevistados nas bibliotecas.	60

4.4.2 Análise dos discursos das bibliotecas: usuários, leitura, mediação e inclusão social	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	73
APENDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 – PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	75
APENDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 – BIBLIOTECÁRIOS.....	77
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	79

1 INTRODUÇÃO

A história da biblioteca é longa e perpassa diversos lugares do mundo, neste estudo trataremos da biblioteca pública brasileira, mais precisamente das bibliotecas públicas e de caráter público da cidade do Rio Grande, RS.

O interesse por Bibliotecas Públicas surgiu no decorrer da vida acadêmica, no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG que proporcionou disciplinas que traziam em sua teoria a biblioteca pública como foco. Destacando-se as saídas de campo que nos incentivavam ver as bibliotecas além de nosso olhar técnico, em que erámos convidados a olhar para dentro desta instituição e enxergar sua realidade. Identificando assim as limitações e possibilidades que estas traziam. Desta forma, nascia um desejo de irmos além das teorias vistas e vivenciarmos parte daquilo que nos era mostrado.

Constante a isto o olhar da pesquisadora frente a suas observações no cotidiano, trouxeram indagações quanto ao papel social da biblioteca pública. No seu dia a dia enxergávamos pessoas em situação de rua que iam e vinham em diversos locais da cidade do Rio Grande, RS. Questionávamos sobre possibilidades existentes para o atendimento deste público e do que isto podia proporcionar aos mesmos.

Assim sendo este trabalho foi construído a partir das vivências e inquietações surgidas durante o percurso acadêmico dessa pesquisadora e também de seu dia a dia. Ora com olhares pessoais, ora com olhares profissionais ainda em construção. O que nos levou à necessidade de ir a campo, saber mais a respeito daquela população de rua e também das possibilidades existentes para este público dentro da biblioteca pública.

Nasce assim o tema “Inclusão social pela leitura em bibliotecas públicas para pessoas em situação de rua na cidade do Rio Grande, RS” que traz como objetos de pesquisa o morador de rua, biblioteca pública e a relação entre ambos. Através de entrevistas e de revisão de literatura foi possível visualizar a identidade de ambos na cidade, assim como suas relações. Sobre a capacidade de leitura, igualmente abordada neste estudo, compreendemos que ela está além da alfabetização. Pois trata-se também de uma leitura de mundo, e dos processos de mediação da mesma por bibliotecários. Este estudo aborda ainda a inclusão social e traz à luz da análise

diversos questionamentos quanto ao papel do bibliotecário e da biblioteca pública como fomentadora de ações sociais.

Realizamos a discussão teórica no capítulo dois do trabalho, contextualizando as bibliotecas públicas e suas histórias. Os seguintes autores são base deste trabalho: Bazílio (2014) é a autora mais recorrente, pois traz grande contribuição para a mediação da leitura e inclusão social na Biblioteconomia. Também, temos grande recorrência de Goontz e Gubbin (2013) que trazem as “Diretrizes da Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições (IFLA) sobre os serviços da Biblioteca pública”. Com relação à leitura utilizamos Leffa (1994). No tema inclusão social temos Almeida e Gonçalves (2013) e Faleiros (2006). Para tratarmos das pessoas em situação de rua nós nos apoiamos em Santos (2009), Quintão (2012) e Mendes (2007). A respeito do perfil das pessoas em situação de rua, utilizamos a “Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua”, realizada em 2008. Finalizamos o capítulo com uma discussão a respeito da dignidade da pessoa humana, com o apoio dos autores Sarlet (2006; 2008) e Lopes (2006) e do Decreto Federal nº 7.053 de dezembro de 2009 que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento.

A metodologia, população e procedimentos para a realização da pesquisa são discutidos no capítulo três. No capítulo quatro, realizamos a discussão das entrevistas e resultados, através do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposto por Lefrève e Lefrève (2005) em consonância com uma análise empírica. No capítulo cinco, trazemos as considerações finais.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar o grau de comprometimento das bibliotecas públicas com relação à mediação da leitura, como forma de possibilitar a inclusão social de pessoas em situação de rua. E nos objetivos específicos buscamos traçar a identidade do morador de rua da cidade de Rio Grande, RS, identificando seu interesse pela leitura; perceber no morador de rua se há o interesse por bibliotecas e suas possíveis relações com as mesmas e, ainda, quais seriam estes interesses; bem como, identificar nas bibliotecas públicas da cidade qual a realidade e compreensão a respeito do atendimento a pessoas em situação de rua, no que tange à leitura e mediação da mesma neste espaço que se denomina público”.

Quando utilizamos o discurso da população de rua para relatar a importância de bibliotecas e da leitura, permitimos que estes indivíduos enfatizem sua visão a respeito do papel social da biblioteca na sociedade, em contraponto, quando vamos a biblioteca saber de seus serviços e prioridades em relação às pessoas em situação de rua, estamos cobrando sua participação e responsabilidade no fomento e estímulo à inclusão social. Através disto verificamos o papel destas instituições no contexto prático, já previsto em literatura.

Nesta perspectiva o seguinte problema de pesquisa foi proposto através de perguntas que são respondidas por esta pesquisa: partindo-se do princípio de que a leitura é uma ferramenta de inclusão social e a biblioteca pública apresenta caráter social e cultural nas comunidades em que está inserida: estarão as bibliotecas públicas do Rio Grande, RS preparadas para suprir demandas de leitura e mediação para pessoas em situação de rua? E as pessoas em situação de rua estão interessadas em vivenciar e consumir os serviços prestados por essas instituições? Eles sentem-se acolhidos pela biblioteca pública? Como o bibliotecário se relaciona com o morador de rua? Este profissional considera o morador de rua como usuário potencial? Tais indagações serão respondidas por este estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Teremos aqui as discussões a respeito de todo o referencial teórico utilizado neste estudo. Começaremos o capítulo abordando a cidade de Rio Grande, local em que realizamos a pesquisa.

2.1 A cidade do Rio Grande

Realizado pelo Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul (IEL) o levantamento¹ entre 2012 e 2013 sobre o Mapa da Leitura do estado configurou em um importante fator para a realização da promoção da Leitura. Neste levantamento foi possível verificar os projetos realizados na área e os principais dados das cidades a respeito do tema. Nos anos da pesquisa foi possível constatar mais de 70 projetos de promoção a leitura e 527 unidades de bibliotecas públicas. Sendo que a manutenção destas bibliotecas fica por conta dos municípios.

Entre os municípios pesquisados está a cidade de Rio Grande que tem aproximadamente 208.641 habitantes, segundo estimativa no ano de 2016 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas² (IBGE), e aparece no levantamento do IEL (2012-2013) com 5 bibliotecas públicas, ficando em terceiro lugar no número de bibliotecas do estado, ficando atrás somente de Canoas (7) e Porto Alegre (17). No entanto durante nossas pesquisas na cidade não foi possível encontrar a Biblioteca Pública Municipal Aurora Abreu Dourado, que constava na lista do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)³ e era contabilizada pelo IEL, em 2011. Outro ponto a respeito destes dados é a contagem da Biblioteca Rio-Grandense como unidade municipal pelo SNBP, já que a entidade apesar de seu caráter público, é particular. Portanto a cidade de Rio Grande possui 3 bibliotecas públicas em funcionamento, sendo elas Biblioteca Pública Municipal Amaury do Santos, Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato e Biblioteca Pública Municipal Érico Veríssimo. Na figura que segue, temos uma imagem da vista aérea da cidade do Rio Grande:

¹ **O plano Estadual do livro, leitura e literatura.** Disponível em: <<https://goo.gl/wjKDwx>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

² IBGE. **Cidades.** Disponível em: <<https://goo.gl/yKX62t>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

³ **Relações de Bibliotecas Públicas no Rio Grande do Sul.** Disponível em: <<https://goo.gl/TazAOw>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Figura 1: Foto aérea da cidade do Rio Grande



Fonte: Blog evolução Rio Grande. Disponível em: <<https://goo.gl/Qgmff1>>.

2.2 Pessoas em situação de rua

As pessoas em situação de rua aqui descritos são aqueles que fazem da rua sua casa, independente do motivo pelo qual isto ocorre. A existência da população de rua não é uma característica exclusiva do Brasil e nem recente, alguns autores (SANTOS, 2009; QUINTÃO, 2012; MENDES, 2007) já trazem o fenômeno como sendo algo global, com ocorrência em sociedades antigas.

É preciso definir que, para fins desta pesquisa não serão considerados população de rua (ou pessoas em situação de rua, ambos sinônimos aqui) aqueles que vivem da rua (vendedores ambulantes, catadores de papel) e possuem casa fixa (seja alugada, cedida, própria) para moradia.

A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO, 2008) realizada no Brasil entre 2007 e 2008 pelo Ministério do desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), mostrou o perfil do morador de rua. Apontando que 82% se constitui de população masculina, 53% dos moradores (a pesquisa foi realizada com maiores de 18 anos) tem entre 25 e 44 anos. 74% sabem ler e escrever. 95% não estudam. 69,9% dormem na rua. 51,9 % possuem parentes na cidade em que estão estabelecidos. 79,6% conseguem fazer

ao menos uma refeição por dia. 21,7% afirmam já terem sido discriminados ao entrarem em entidades públicas. O último resultado aqui apresentado, foi embasado em tentativas realizadas, não se levou em consideração as vezes que os indivíduos precisaram ou quiseram entrar em locais públicos, mas desistiram, por acreditar que podia ser negado. (META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO, 2008). Esta pesquisa é a mais completa realizada a nível nacional⁴, em 2013 o IBGE realizou uma pesquisa experimental com amostragem de 100 pessoas em situação de rua, para uma possível incorporação de dados destes sujeitos em seus próximos Censos.

Santos (2009, p. 59) afirma que nas produções nacionais existem diferentes formas de classificar o morador de rua, “como mendigo, andarilho, vagabundo, trecheiro, indigente, morador de rua, pedinte, sofredor de rua, sem-teto e outras. Tais classificações se devem, em parte, à diversidade de tipos e situações de viver na rua”.

No entanto, tratamos de duas expressões que definimos aqui como sinônimos para a pesquisa: “Assim será adotado a expressão “população de rua”, definindo-a como aquela que sobrevive da rua e tem rua, de forma circunstancial ou permanente, como moradia”. (ENDRIGUE, 2002, p.3 apud QUINTÃO, 2012, p. 24). Assim sendo, “população de rua” e “pessoa em situação de rua” serão usados como representação do mesmo significado neste estudo.

2.3 Bibliotecas públicas e seus serviços

De acordo com o SNBP o Brasil possui 6102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais, sendo que 503 na Região Norte, 1.847 na Região Nordeste, 501 na Região Centro-Oeste, 1958 na Região Sudeste e 1293 na Região Sul. Este também estabelece que uma Biblioteca Pública tem por objetivo

Atender por meio do seu acervo e de seus serviços os diferentes interesses de leitura e informação da comunidade em que está localizada, colaborando para ampliar o acesso à informação, à leitura e ao livro, de forma gratuita. Atende a todos os públicos, bebês, crianças, jovens, adultos, pessoas da melhor idade e pessoas com

⁴ SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **IBGE apresenta resultado de pesquisa experimental sobre população em situação de rua.** Disponível em: <<https://goo.gl/TjV73g>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

deficiência e segue os preceitos estabelecidos no Manifesto da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas. É considerada equipamento cultural e, portanto, está no âmbito das políticas públicas do Ministério da Cultura (MinC). É criada e mantida pelo Estado (vínculo municipal, estadual ou federal⁵).

A IFLA traz em suas diretrizes “Sobre os Serviços da Biblioteca pública” as definições e funções. De acordo com a instituição estas entidades estão em todo o mundo, diferenciando nas sociedades e culturas, mas apesar destas variações trazem em si características que são comuns e que podem ser levadas em consideração na hora de defini-las:

Uma biblioteca pública é uma organização criada, mantida e financiada pela comunidade, quer através da administração local, regional ou central, e/ou através de outra forma de organização comunitária. Disponibiliza acesso ao conhecimento, à informação, à aprendizagem ao longo da vida e a obras criativas, através de um leque alargado de recursos e serviços, estando disponível a todos os membros da comunidade independentemente de raça, nacionalidade, idade, gênero, religião, língua, deficiência, condição econômica e laboral e nível de escolaridade. (KOONTZ e GUBBIN, 2013, p.13)

Baseando-se nisto, a biblioteca pública deve atender toda a comunidade na qual está inserida, sendo compreendida como espaço de inclusão social, pois oferece diversos serviços que possibilitam o acesso à informação, à leitura, à cultura e ao lazer a todos os indivíduos, sejam eles usuários de residência fixa ou a população de rua.

Bazílio (2014) ao discutir a mediação da leitura em bibliotecas públicas traz esta biblioteca como sendo local possível para inclusão social e que isto deve fazer parte das ações culturais da mesma. A autora traz Milanesi (1986) que afirma que o bibliotecário se preocupa demais com as questões técnicas e deixa de lado as relações sociais e de cidadania que deveriam nortear suas práticas profissionais. Sendo assim, as políticas da biblioteca voltadas para o cultural devem ser construídas com base no público, uma vez que as ações desenvolvidas na mesma se voltarão para a comunidade.

A biblioteca não sendo caudatária da escola (um anexo em todos os sentidos), vai ser pública dentro daquilo que isso significa em primeira

⁵ **Tipos de Bibliotecas.** Disponível em: <<http://snbp.culturadigital.br/tipos-de-bibliotecas/>> Acesso em: 10 nov. 2016.

instância: para o público. Para o público ou do público? Essa questão determinará toda a política cultural” (MILANESI, 1986 apud BAZÍLIO, 2014, p. 27).

As diretrizes da IFLA (KOONTZ; GUBBIN, 2013, p. 17) apresentam os papéis desempenhados pela biblioteca pública, dentre estes está seu papel social que é o de “fomentar as atividades sociais e culturais que apoiem o interesse da comunidade”. A biblioteca pública deve voltar-se para o cultural, para o social, ela deve se apoiar na comunidade em que está inserida e permitir que a comunidade se apoie nela. Esta comunidade não pode ser apenas com o público que já está na biblioteca, que a frequenta e que participa de suas atividades. Deve-se olhar além, e perceber o público potencial.

Não se pode esquecer que o estudante é público também, e que deve ter o seu espaço na Biblioteca Pública. Mas ao seu lado existem vários segmentos da população que, mesmo não utilizando a biblioteca, não deixam de ser um público em potencial. Exemplos: o operário que trabalha o dia todo e pode encontrar na biblioteca uma alternativa de lazer e informação à noite ou nos fins de semana; a dona de casa e as possibilidades que terá ao buscar dados referentes aos seus interesses. Crianças que, excluindo as pesquisas escolares, teriam muitas atividades a desenvolver no campo do lazer e da busca de expressão. (MILANESI, 1986, apud BAZÍLIO, 2014, p. 25)

Pensando sobre as reflexões de Milanesi (1986) e nos exemplos citados, podemos incluir neste público a população de rua. Que são parte excluída da sociedade e não possuem as mesmas oportunidades que outros indivíduos.

Apesar de não trazer enfoque ao público população de rua, a IFLA é bem clara em suas diretrizes (algumas já citados anteriormente) em relação ao atendimento de qualquer membro da sociedade e de grupos sociais, além de atividades que proporcionem inclusão e facilitem o acesso à informação de todos indivíduos. “Seus serviços devem estar disponíveis a todos, e não apenas a um grupo em detrimento de outros” (KOONTZ; GUBBIN, 2013, p. 18). Além disto, a biblioteca poderá ofertar a este público atendimento além de suas paredes, que é mais uma das atividades prescritas pela IFLA (KOONTZ; GUBBIN, 2013, p. 20). Principalmente quando a mesma não puder acomodar este indivíduo “dentro de suas paredes”.

Outro ponto facultativo das diretrizes da IFLA é a promoção da leitura e da literacia (KOONTZ; GUBBIN, 2013, p.43-45), que é um dos serviços a serem

realizados pela biblioteca. Constante a isto podemos lembrar do papel de mediação da leitura realizado pelo bibliotecário: “Assim sendo, a promoção de leitura consiste em ações antecipatórias que devem estimular, motivar e despertar o gosto pela leitura. Enfatizamos a figura do bibliotecário como promotor desse processo”. (BAZÍLIO, 2014, p.37). Nesta junção a biblioteca pública seria o local ideal para levar o usuário ao mundo da leitura. Estabelecemos que para tal, é necessário verificar para quem é realizada esta mediação, já que o indivíduo irá inferir de acordo com suas vivências. Antes de realizar a leitura do texto é preciso que façamos uma leitura de nossa realidade, do entorno, do mundo em que vivemos. No ato de ler deve se considerar a bagagem de vida de cada leitor (BAZÍLIO, 2014, p.33).

Portanto mediar a leitura ou promover a leitura em bibliotecas públicas dependerá da comunidade e dos indivíduos para qual esta presta serviços. Promover atividades de leitura para a população de rua, necessitaria por exemplo, compreender suas vivências e entender a forma como estes enxergam o mundo. Fazendo um mergulho em sua realidade e necessidades.

2.4 As bibliotecas públicas da cidade do Rio Grande

A biblioteca pública pode ser considerada, de acordo com Koontz e Gubbin (2013, p.9) “o principal ponto de acesso da comunidade, concebido para, de forma proativa, dar resposta às suas necessidades de informação em permanente mudança”. Portanto tem papel fundamental na satisfação dos anseios informacionais da população, sendo assim, isso não deve ser diferente na cidade de Rio Grande.

Na teoria, a biblioteca pública possui papel de fomento cultural e social, como já vimos no capítulo anterior, e podemos confirmar a seguir

A biblioteca pública — porta de acesso local ao conhecimento — fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais (KOONTZ e GUBBIN, 2013, p.13).

Sendo assim é de sua responsabilidade promover condições para o uso da mesma por todos os usuários, reais e potenciais. Neste sentido devemos salientar que a biblioteca pública deve prestar atendimento a população de rua, devendo ser esta instituição uma das portas de entrada para a inclusão social deste indivíduo. Em Rio

Grande encontramos quatro bibliotecas, sendo três delas públicas e a outra de particular com grande representação histórica que a define como caráter público, a seguir são apresentados seus históricos. Alguns bairros foram criados após o nascimento destas bibliotecas, seria importante ressaltar que muitos bairros não são ofertados com a presença das bibliotecas públicas, o que seria muito importante acontecer, pois acabam se distanciando de populações periféricas. Seria interessante ter uma em cada regional e que por exemplo estivessem localizadas próximas a postos de saúde para facilitar o acesso.

2.4.1 Biblioteca Rio-Grandense: biblioteca particular de caráter público

Fundada em 1846 por João Barbosa Coelho junto a outros cidadãos da cidade como gabinete de leitura. É a mais antiga do Rio Grande do Sul ainda existente. Localizada no Centro da cidade de Rio Grande, possui acervo com mais de 450.000 volumes. Guarda peças significativas referentes à Guerra do Paraguai e à história do Rio Grande do Sul. Mais de 2.000 obras raras podem ser encontradas nesta biblioteca, que foi construída no estilo neoclássico⁶, dentre os quais incluem documentos históricos e uma coleção grandiosa de jornais, que datam o século XIX. Além do lenço Farroupilha. Está dividida em salas e gabinetes, entre eles as salas Silva Paes e Abeillard Barreto que carregam grande parte da história do estado do Rio Grande do Sul. A biblioteca é mantida por sócios e benfeitores. Possui caráter público devido a seu caráter histórico e cultural, que neste ano de 2016 completa 170 anos e tem parceria com o Município do Rio Grande.

Apesar da grande importância da biblioteca no cenário gaúcho de propagação cultural e histórica, esta vem passando por graves dificuldades financeiras, pois os sócios que atualmente contribuem para seu funcionamento são poucos e a equipe que ali trabalha é pouca frente a tantos desafios que a biblioteca tem. Como o pagamento de dívidas em atraso, manutenção do espaço e atendimento ao público. A biblioteca participa do programa “Amigo estou aqui” que é uma plataforma de doações online, onde existem 6 empresas incubadas e faz parte da empresa Innovatio, que é uma incubadora de empresas da Universidade Federal de Rio Grande

⁶ **Biblioteca Rio-Grandense**. Sn. Disponível em: <<https://goo.gl/Q6R9c6>>. Acesso em: 14 de set. 2016.

– FURG, que tem como missão “Promover a propagação da leitura e difusão da cultura”⁷. Na imagem a seguir temos uma foto do exterior da biblioteca:

Figura 2 - Fachada da Biblioteca Rio-Grandense



Fonte: arquivos fotográficos da autora

2.4.2 Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato

A Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato foi fundada em 21 de janeiro de 1956. O nome da biblioteca foi sugestão dos redatores do jornal Rio Grande, para homenagear Monteiro Lobato, escritor brasileiro de literatura infantil. A primeira sede era na Marechal Floriano e sua primeira diretora foi Cecília Goldenberg. Em novembro de 1962, a prefeitura do município em parceria com a Biblioteca Rio-Grandense, assinaram um convênio onde era cedido um espaço para a Biblioteca Monteiro Lobato no prédio da Biblioteca Rio-Grandense⁸.

Subordinada a divisão de bibliotecas, atualmente o estabelecimento é mantido pela Prefeitura, através da Secretaria de Município da Cultura (SECULT). Em 2012 possuía acervo de 20.231 livros, constituído de obras de literatura infantil e infanto-juvenil, romances, literatura para vestibular, livros didáticos de 1º e 2º graus,

⁷ **Site do Amigo estou aqui.** Disponível em: <<http://www.amigoestouaqui.com.br/in03>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

⁸ **Biblioteca pública Infantil Monteiro Lobato.** 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/5J3ezz>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

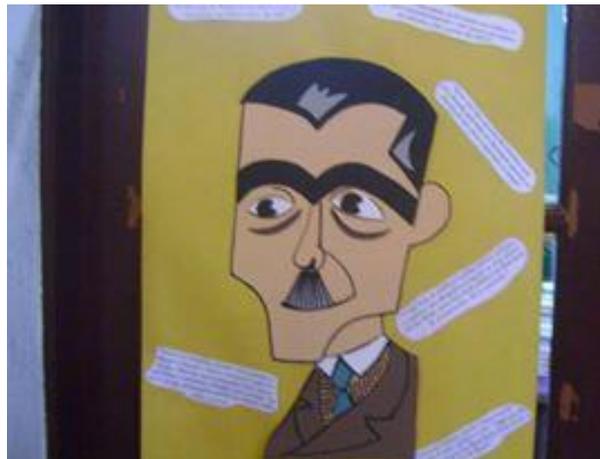
enciclopédias e sua hemeroteca com revistas e jornais atualizados. Contando com 5.605 sócios registrados⁹. Atualmente a biblioteca está passando por uma reforma estrutural e organizacional. A seguir temos duas imagens fotográficas tiradas no interior da biblioteca:

Figura 3 - Placa da Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato



Fonte: arquivos fotográficos da autora

Figura 4 - Imagem colada na porta de entrada da Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato



Fonte: arquivos fotográficos da autora

⁹ Registro documental da Biblioteca Pública Infantil Monteiro Lobato. Consultado: 19 out. 2016.

2.4.3 Biblioteca Pública Amaury dos Santos

Criada em 1985 pelo Decreto Municipal nº 4657 de 10 de outubro de 1985 a Biblioteca Pública Amaury dos Santos, fica localizada no Balneário Cassino, prestando serviços à comunidade local e dos arredores. O seu acervo é composto por aproximadamente 7.500 exemplares, dentre eles inclui-se revistas e obras em geral. O prédio contém mesas de estudos e é mantido pela SECULT. Também conta com o apoio da comunidade e sócios que ajudam com a doação de livros¹⁰. Abaixo fotografia do ambiente exterior da biblioteca.

Figura 5 - Fachada da Biblioteca Pública Amaury dos Santos



Fonte: SeCult. Disponível em: <<https://goo.gl/KYhsQ2>>. Acesso: 10 out. 2016

2.4.4 Biblioteca Pública Municipal Érico Veríssimo

Criada em 1971, a sala de Leitura nº 126, na sede do então Instituto Nacional do Livro (INL), em parceria com a prefeitura de Rio Grande e o Ministério da Educação (MEC). Passou em 1974 a denominar-se sala de leitura Zenir de Souza Braga. Em 1935 o nome do salão passa a ser Érico Veríssimo, uma homenagem do então prefeito Municipal Rubens Emil Corrêa, ao escritor brasileiro.

Em janeiro de 1981 o convênio entre a prefeitura do município e o INL foi reformulado e a sala de leitura passou a ser Biblioteca Pública Municipal Érico Veríssimo. Após algumas mudanças de localidade, iniciando pela Av. Portugal, em

¹⁰ **Breve histórico da Biblioteca Pública Municipal Amaury dos Santos.** Disponível em: <<http://bibliotecaamaurydosantos.blogspot.com.br/2010/11/biblioteca-e-seus-livros.html>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

1998 a Biblioteca finalmente se instala, em seu local atual, o interior do Prédio do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), no bairro Hidráulica. Abaixo algumas fotografias do acervo e do quadro de avisos da biblioteca.

Figura 6 - Acervo Biblioteca Municipal Érico Veríssimo



Fonte: Facebook. Disponível em: <<https://goo.gl/HyZGDY>>. Acesso: 7 nov. 2016.

Figura 7 - Painel de recados e informações



Fonte: Página do Facebook. Disponível em: <<https://goo.gl/HyZGDY>>. Acesso: 7 nov. 2016.

2.5 Pessoas em situação de rua e as bibliotecas

A biblioteca pública, que de acordo com a Koontz e Gubbin (2013, p. 13) tem como objetivo principal fornecer recursos que satisfaçam as necessidades individuais ou coletivas, em diversos domínios (pessoal, informacional, etc.), com papel crucial no desenvolvimento de uma sociedade democrática diminuindo assim as

desigualdades sociais, deve atender a expectativa de cada segmento da sociedade, dando acesso à informação em âmbito geral.

No Decreto Federal nº 7.053 de dezembro de 2009, onde é instituído a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, apresenta no artigo 6º, a garantia da “promoção dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais” (inciso I) e da “democratização do acesso e fruição dos espaços e serviços públicos” (inciso X). A população de rua, ou as pessoas em situação de rua (sinônimos explicados em capítulo anterior) são aqueles que sobrevivem da rua e utilizam-na como moradia (VIEIRA et al, 1994 apud QUINTÃO, 2012, p.22). Ou seja, os chamados popularmente como “sem-teto”.

A biblioteca seria umas das pontes para a inclusão do morador de rua, em seu aspecto social e cultural, pois é umas das entidades responsáveis por atender as demandas apontadas anteriormente no artigo 6º do Decreto 7.053 da Constituição Federal. Dentre as atividades que esta pode realizar, o acesso à leitura e à informação, estariam entre suas premissas, uma vez que seria impossível imaginar uma biblioteca sem livros, seja em seu estado clássico (papel), ou em seus novos meios (digital). E o bibliotecário faria o papel mediador deste processo, incluindo na biblioteca espaços alternativos de uso e inclusivos.

2.5.1 Bibliotecas públicas, leitura e parcerias: algumas experiências no Brasil

Ao estudarmos a relação entre as pessoas que moram na rua como potenciais usuários das bibliotecas é preciso lembrar que nem sempre as instituições estão preparadas para a recepção destes usuários, fato que, como mencionado anteriormente, pode levá-los a sentirem-se excluídos de espaços públicos, muitas vezes nem tentando usufruí-lo, por medo de não serem aceitos como cidadãos de direito ao uso do local. Algumas pesquisas foram realizadas para saber a respeito desta população com relação à leitura em outros lugares do Brasil, que não apenas Rio Grande. Podemos destacar a pesquisa denominada “Leitores de rua” criada com o objetivo de

Valorizar a importância da leitura e da informação como fator de transformação social e compreender a sua importância na vida de uma parcela da população desprovida de condições que permitam o

acesso a esse universo, capaz de promover mudanças em sua forma de sobrevivência (RODRIGUES et. al., 2010, n.p)

Rodrigues et. al. (2010) realizou este estudo no Albergue Arsenal da Esperança Dom Lucas Pedro Mendes de Almeida, em São Paulo. Através dela foi possível perceber o uso e a importância do espaço de leitura disponível no albergue para uso das pessoas em situação de rua, além de perceber seus olhares em relação a bibliotecas da cidade. Dos entrevistados nesta pesquisa mencionada 44% afirmaram gostarem de ler e por isso frequentavam a biblioteca do albergue. E 67% dos entrevistados frequentavam outras bibliotecas principalmente para passar o tempo e para ler. Seus autores apontam que foi possível chegar à seguinte conclusão:

A biblioteca por sua vez pode se constituir em um espaço para a intervenção social e o desenvolvimento de mediação pedagógica. Nesse sentido a biblioteca tem tudo para estar à frente da luta contra a exclusão social se conseguirmos aliar o acesso a tecnologias da informação, o texto escrito e a comunicação voltada para o educativo, o organizativo e o produtivo. (RODRIGUES et. al., 2010, n.p)

Percebemos então a importância e a necessidade do envolvimento de bibliotecas com pessoas em situação de rua, pois, comprovadamente elas podem auxiliar no processo de sua inclusão social. Neste sentido a biblioteca pública reforçaria seu papel social na comunidade em que está inserida. No entanto, alguns empecilhos poderão não permitir as ações que permeiam esta mediação. Podendo ser tanto o espaço físico, como o alcance ao morador de rua. Portanto seria ideal que a biblioteca pública tivesse como elemento crucial desta demanda, parcerias tanto com entidades de apoio ao morador de rua, como albergues, e outras entidades que tivessem vínculo direto com pessoas em situação de rua. Caberia também ao bibliotecário, este papel investigativo, indo ao encontro deste usuário potencial. Para que estas ações ocorram é necessário o investimento de Políticas Públicas pelo Estado, fato que iremos discutir mais adiante.

No site Bibliotecas do Brasil¹¹, vemos exemplos de bibliotecas que foram premiadas por projetos de leitura e inclusão social de pessoas em situação de rua, ideias que deram certo, trazendo benefícios tanto a instituição como para estes

¹¹**Inclusão:** biblioteca empresta livros a moradores de rua sem exigir comprovante de residência. Acesso em: 26 mai. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/om2U7O>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

usuários. Casos como estes que podem ser utilizados como exemplo de que é possível inserir estes sujeitos no ambiente das bibliotecas públicas.

A Biblioteca Pública Municipal Avertano Rocha, de Icoaraci, do Belém do Pará, foi premiada na 8ª edição do Prêmio Viva Leitura, como “Biblioteca viva”. A Biblioteca venceu com o projeto “Tornar Visíveis os Invisíveis, Um Desafio Instigante: Experiência da Biblioteca Pública Municipal Avertano Rocha e do Centro Pop”. (CARNEIRO, 2016). A biblioteca além de promover oficinas, fazia exibição de filmes, saraus literários, empréstimos de livros e cd’s. As atividades só foram possíveis porque conseguiram firmar parcerias com o Centro POP da região. Que agora conta com uma biblioteca que é abastecida e mantida pela Biblioteca Avertano Rocha.

No documentário “Cultura anônima”¹² realizado como trabalho de 5º semestre de Rádio e TV (2009) das Faculdades Oswaldo Cruz, foram apresentadas as relações do morador de rua com bibliotecas públicas da cidade de São Paulo. Neste vídeo há relato de um morador de rua que menciona o uso da biblioteca, afirmando “quando entramos em uma biblioteca, a gente já se melhora um pouco, a vezes a gente tem a impressão que ta (sic) com uma roupa melhor, às vezes nem tá”. O morador se vê em melhores condições pelo fato de ser aceito em um ambiente, ele se sente incluído, conseqüentemente melhorando a sua autoestima.

Estes projetos e ações mostram algumas possibilidades diversas para a inclusão de pessoas em situação de rua pela biblioteca pública, utilizando como meio captador a leitura. O que demonstra ser possível a realização deste tipo de interação. O papel do bibliotecário deve ser de um mediador, um agente cultural buscando tornar possível estas ações. É de sua responsabilidade e competência promover esta inclusão.

2.6 A leitura

Trabalhar a leitura como forma de inclusão social para pessoas em situação de rua como tema desta pesquisa, foi motivado pelo fato de que a leitura pode ser caminho para o desenvolvimento de sujeitos críticos que possam colaborar com o desenvolvimento da sociedade. Podendo ainda ser considerada sob vários aspectos,

¹²**Documentário cultura anônima.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XRzjBhI65ts>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

“dependendo não só do enfoque dado (lingüístico, psicológico, social, fenomenológico, etc.), mas também do grau de generalidade com que se pretenda definir o termo” (LEFFA, 1994, p. 9). Assim usaremos a visão de Bazílio (2014) e LEFFA (1994) para tratarmos a ideia de leitura.

Bazílio (2014, p. 31) apresenta em sua tese, a leitura “associada à visão de mundo e na experiência de vida de cada indivíduo”. Isto porque quando a leitura decodifica textos ela faz sob o conceito de mundo do indivíduo. Um aspecto liga-se a outro. Neste sentido qualquer indivíduo lê, inclusive o analfabeto. A autora (Idem, p. 31) concorda com Manguel (1999) e Nóbrega (2009) ambos citados por ela. Quando afirmam que a leitura está além da decifração do código escrito, viabilizando a transformação de si mesmo, percebendo o mundo e a si mesmo. Todos podemos ler o mundo a nossa volta, o que somos e onde estamos. Porque ler é como respirar. É uma função essencial a nossa sobrevivência.

Leffa (1994) ao falar de leitura traz uma perspectiva sociolinguística, relatando a leitura como um processo de representação que envolve o sentido da visão. Interpretando o que se vê, para se entender outra coisa. Através da intermediação da realidade junto a outros elementos. Somente pode-se ler, quando se tem conhecimento prévio. Pois ler é olhar para um espelho, reconhecendo o mundo através dele. Este espelho mostra pedaços da realidade. Só se pode ler, aquele que interpreta junto ao que já conhece. Assim o processo de entendimento daquilo que lemos baseia-se em tudo que já temos como conhecimento.

Tanto Bazílio (2014) quanto Leffa (1994) trazem a leitura como ampliação dos sentidos já vividos. Leffa ainda afirma que apesar da leitura estar em envolvimento constante com a língua ela pode ser realizada fora dos aspectos linguísticos, como na “leitura do passado de um povo através das ruínas de uma cidade”. A leitura para Leffa seria o reflexo da realidade do indivíduo. E a leitura de textos pode trazer para o indivíduo diversos reflexos até que se encaixe em suas perspectivas e forme novas realidades, chegando assim a percepção do leitor.

2.6.1 Dados sobre a leitura no Brasil

O Instituto Pró-Livro através da 4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹³ realizada no ano de 2015, traz dados sobre a leitura e hábitos de leitura no país. Com 5012 entrevistados o instituto considerou como leitor aquele que leu inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses, sendo que 56% é leitor, e 44% não leitor. Dentre os motivos para se ler um livro os mais recorrentes na pesquisa foi gosto e atualização cultura/conhecimentos gerais e o que mais influência na escolha de um livro é o tema ou assunto do livro. Com relação a leitura por tipo de material o instituto constatou que a população brasileira lê todos os dias ou quase todos os dias em maior ocorrência os jornais. Com relação a leitura em bibliotecas, a de maior ocorrência foi a leitura em bibliotecas da escola ou faculdade, em seguidas bibliotecas públicas, depois bibliotecas comunitárias. 71% da população pesquisada pelo instituto percebem a biblioteca como um lugar para pesquisar ou estudar, sendo que 66% da população não frequenta bibliotecas.

O Pró-Livro ainda traz em suas considerações que o hábito de leitura é formado na infância com grande influência de terceiros, especialmente mães e pais, ou seja, é grande a importância da mediação da leitura para formação de leitores. Entre os motivos mais citados para se ir na biblioteca, ler livros e estudar é o mais frequente.

2.7 A dignidade da pessoa humana

Para entendermos sobre a dignidade da pessoa humana é preciso dizer que “o respeito e a proteção da dignidade das pessoas (de cada uma e de todas as pessoas) constituem-se (ou, ao menos, assim o deveriam) em meta permanente da humanidade, do Estado e do Direito”. (SARLET, 2006, p.27).

O significado da dignidade da pessoa humana tem raízes nas ideias cristãs e no pensamento clássico. Na antiguidade, no pensamento filosófico e político clássico a dignidade da pessoa humana era a posição que esta ocupava. No estoicismo dignidade humana é a qualidade que diferenciava um humano em relação aos outros, então todos tinham a mesma dignidade. Já Tomás de Aquino trouxe a ideia de que os humanos são feitos a imagem e semelhança de Deus, portanto todos encontramos a dignidade. No entanto ele diferencia que o ser humano sendo livre, realiza sua própria

¹³ Retratos da leitura no Brasil. 4. ed. Disponível em: <<https://goo.gl/I0WLJt>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

vontade, então a dignidade estaria também ligada à sua natureza. SARLET, 2006, p. 29-30)

Somente no século XVII e XVIII que a concepção de dignidade passou por processos de racionalização e laicização, assim como o direito natural surgindo então a noção de fundamental de igualdade de todos os homens, em dignidade e liberdade. Kant fixa este ideário transformando a noção de dignidade da pessoa humana, distanciando-a de sua base cristã. Repudiando a coisificação humana, considera a dignidade como fim, não como meio. (SARLET, 2006, p. 32-36)

A Declaração Universal dos Direitos Humanos traz em seu artigo primeiro que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (UNIC, 2009, p.4). Sendo assim a dignidade aqui pode ser entendida como algo pertencente ao ser humano, que sendo igual aos outros, carrega consigo a mesma dignidade, liberdade e direito.

Com relação ao Brasil, a Constituição¹⁴ (BRASIL, 1988, artigo 1, inciso 3) traz a dignidade da pessoa humana como princípio fundamental do Estado Democrático. Neste sentido Sarlet (2006, p. 41-42) fala que a dignidade da pessoa humana não é algo fixo é um processo que está se desenvolvendo. Contudo ela é irrenunciável e inalienável, fazendo parte da própria condição humana, devendo “ser reconhecida, respeitada, promovida e protegida”.

A dignidade como direito fundamental do ser humano, pode ser vista sob viés de direitos sociais, pois ela atua como limite de direitos, podendo gerar conflitos de direitos entre uma pessoa e outra (SARLET, 2006, p. 124-125). Considera-se, portanto, que a falta de respeito a algum direito, como moradia por exemplo, pode afetar os direitos individuais de uma pessoa. Mas pode também afetar os direitos de outro. Lopes (2006, p. 67-69) afirma que

Morar é um existencial humano. O homem não ocupa lugar, ele mora, ele cria seu ambiente humano, ele não se submete a natureza[...]. Assim o direito à moradia causa enorme problema junto aos juristas e para os políticos por uma razão histórica. As nossas cidades foram transformadas, desde o advento do capitalismo propriamente dito, em

¹⁴ BRASIL. **Constituição da República Federativa**. 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01 nov. 2016.

aglomerados de gente, em mercadoria e perderam a característica de centro de vida e habitação tranquilas para se transformarem em sedes e serviços: a produção capitalista ganhou a cidade.

Se morar é parte da existência humana, o ser humano precisa morar. E como bem vimos, anteriormente, lhe é digno morar. Mas quando o sujeito não mora? Ou faz das ruas sua moradia? Neste caso podemos ter dois casos distintos: o indivíduo que perdendo sua moradia, não tem opção senão ir para a rua, e o indivíduo que devido a diversos fatores (aqui não discutidos) “escolhe” a rua como seu espaço de moradia.

Ora pois, a rua passa ser sua moradia e seu espaço de sustento, no artigo primeiro, parágrafo único do DECRETO Nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009¹⁵, isto se esclarece de forma melhor

Parágrafo único. Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Este decreto institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, traz como princípio para a “População em Situação de Rua, além da igualdade e equidade: o respeito à dignidade da pessoa humana” (art. 5, inciso I).

É de incumbência de órgãos estatais fazer cumprir esta lei, pois está a missão, a não violação e a proteção da dignidade de todas as pessoas, promovendo-a e efetivando-a (SARLET, 2006, p. 141). Sendo a biblioteca pública órgão do estado e o bibliotecário o agente público, cabe a ambos também participar desta missão.

2.7.1 Inclusão social

A inclusão social possui conceito amplo e abrange sob diversos aspectos da sociedade, como o direito à informação, saúde e outros (BAZÍLIO, 2014, p. 59). Almeida e Gonçalves (2013, p. 246) em seu estudo “Inclusão social e suas

¹⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm>. Acesso em: 1 nov. 2016.

abordagens na Ciência da Informação: análise da produção científica em periódicos da área de Ciência da Informação no período de 2001 a 2010” ressaltam que o bibliotecário não pode deixar de participar das questões relacionadas a inclusão social. Os autores perceberam que a Ciência da informação é uma área que deve servir como alicerce para o desenvolvimento de políticas de inclusão social, pois é interdisciplinar, relacionada com a tecnologia e participante ativa da sociedade (SARACEVIC, 1992 apud ALMEIDA e GONÇALVES, 2013). Quanto a isto Bazílio (2014) reitera que “o tema inclusão nos remete a pensar em igualdade de oportunidades e cidadania” ultrapassando as questões de direitos e deveres dos cidadãos.

A inclusão social só existe porque o indivíduo foi uma vez excluído. Nestas entrelinhas Faleiros (2006 apud Silva 2011, p. 3) diz que

Desta forma, a inclusão e a exclusão se referem às dinâmicas de expulsão ou de inserção nas esferas socialmente reconhecidas. A categorização e percepção da pobreza se vincula a experiências vividas de autodesignação, confrontadas às expectativas sociais, conforme realidades heterogêneas de nação, Estado e cultura. A inclusão/exclusão também pode se referir a maior ou menor dependência de outrem ou de instituições públicas, aos rendimentos, ao valor dos rendimentos, à qualificação ou desqualificação social, à presença ou ausência de bens materiais, à solidez ou degradação moral, à periferização/centralidade no território, à posse ou desapossamento da terra e ativos, à discriminação/aceitação, à violência maior ou menor, às condições de nacionalidade, raça, etnia, ou a opções e modos de vida.

Se somos os responsáveis por excluir indivíduos da sociedade, somos também responsáveis por incluí-los. As instituições públicas, assim como as bibliotecas de caráter público devem se debruçar sobre esta questão, uma vez que são constituídas para prestar serviços à comunidade em que se encontram estabelecidas. Portanto, utilizar a leitura como parte do processo de inclusão de indivíduos é reforçar a responsabilidade da sociedade com os indivíduos com menos acesso. Trabalhar a leitura na biblioteca pública para a população de rua, é sinônimo de promover a eles inclusão, pois

As práticas de leituras e o processo de mediação são mecanismos da ação cultural que, aplicados nas Bibliotecas Públicas, podem contribuir para a potencialização da cidadania, amenizando as desigualdades sociais, provocadas, muitas vezes, por lacunas do sistema educacional brasileiro. (BAZÍLIO, 2014, p. 34-35).

Soares (apud Santos, 2009, p.53) destaca o processo interativo da leitura e da escrita: Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. Porém, esta prática da leitura e sua mediação não pode ser desorganizada, ela deve ser direcionada a cada leitor.

A Biblioteca pública, por sua vez, deverá relacionar leitura à experiência, à realidade do leitor, às suas necessidades e carências, ao prazer, à satisfação, despertando, desse modo, a aproximação entre leitor e livros, numa relação enriquecedora e atrativa, que atenda aos leitores assíduos e aqueles que, por algum motivo, não possuem essa relação mais íntima com o ato de ler (BAZÍLIO, 2014, p. 39).

A biblioteca pública está em posição de tornar a informação e a cultura acessível a todos os cidadãos, permitindo a inclusão social. As políticas públicas passaram a perceber e a fundamentar estas ações. O surgimento das tecnologias acelera as atividades técnicas, permitindo melhorar outros aspectos dentro da biblioteca, trazendo um cenário de otimismo para a inclusão social, com participação de todos os sujeitos no contexto da biblioteca (BARRETO; PARADELLA; ASSIS, 2008, p.27 apud BAZÍLIO, 2014, p. 59).

Talvez o maior desafio da biblioteca pública seja atender a demandas da sociedade não estudante, já que grande parte de seus usuários (70%) provem deste público (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 71 apud BAZÍLIO, 2014, p. 52). “E o papel do bibliotecário pode ser difundido como agente socializador, garantindo nas práticas de leitura a construção de sentido nos indivíduos permitindo assim a inclusão social” (BAZÍLIO, 2014, p. 39).

2.7.2 Políticas Públicas para pessoas em situação de rua

As ações com relação a dignidade da pessoa humana e de inclusão social, em qualquer esfera, não poderá se realizar de maneira eficaz sem a participação do Estado. Apenas a vontade de fazer de determinadas pessoas ou seguimentos não concretiza esta ação. Para tanto são necessárias a criação de leis e a manutenção destas, com revisões e afins. Faleiros (2006 apud SILVA, 2011) nos chama atenção

quanto ao aspecto de cidadania, uma vez que esta tem como pressuposto a participação e a garantia dos direitos, ou seja, a real prestação de serviços públicos e existência de condições ou menos de vida, se atentando para as diversidades. Assim negar a cidadania é pressupor o impedimento e a ausência dos direitos e das condições do cidadão. Silva (Idem) ainda reitera que a vulnerabilidade social está ligada as condições de acesso do indivíduo, que tem acesso limitado ou não tem acesso. Desta maneira a desigualdade social impõe a situação de vulnerabilidade, pois o condiciona em seu acesso aos direitos sociais, sendo que estes devem ser garantidos pelo Estado, através de políticas sociais. Mas, mesmo assim o Estado não retira do sujeito sua vulnerabilidade, pois apenas supri através de uma medida a efetivação de sua cidadania.

Após a Constituição Federal de 1988 com o reconhecimento dos direitos sociais como direitos fundamentais e a criação da Lei Orgânica de Assistência Social (lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993 - LOAS), que o estado passou a enxergar a assistência social como política pública, verificou-se então, um compromisso em relação as pessoas em situação de rua. Porém de maneira sólida isto não se realizou, estamos a passos curtos e tardios. Permanecemos em processo de concretizar e reconhecer os direitos individuais e sociais desta população.

Com relação a LOAs, apesar de sua criação ter sido realizada no ano de 93, apenas em 2005, houve um olhar direto a população de rua, com a criação da Lei Federal nº11.258 de 30 de dezembro de 2005¹⁶, que alterava a Organização da Assistência Social acrescentando o serviço de atendimento as pessoas que vivem em situação de rua. A partir de então vê-se um mecanismo real a fim de efetivar os direitos sociais. Com esta inserção foi possível, a criação do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para elaboração de estudos e apresentação de propostas de políticas públicas para inclusão da população de rua através do Decreto Federal de 25 de outubro de 2006. Num apelo conjunto de diversas entidades governamentais foi possível em 2009 a criação da política nacional para a população em situação de rua e o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento do segmento social (GOMES; SANTOS, 2012).

¹⁶ BRASIL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/L11258.htm>. Acesso em: 11 nov. 2016.

O Decreto Federal 7.053 de 2009, já comentado anteriormente, inclusive em outros capítulos, foi um grande avanço neste processo, podendo ser considerado uma grande conquista, no entanto a não ampliação de políticas a nível nacional fez com que predominasse segregação e violência à população de rua. Porque através de um olhar histórico é trazido desde o período colonial, o morador de rua como vadio e mendicante, podendo oferecer perigo a sociedade, que enraizou que morar na rua contraria os bons costumes. Claro que isto tem grande reforço em leis criadas anteriormente que criminalizavam e reprimiam, incentivando a higienização e a segregação social das pessoas em situação de rua. Foi preciso que setores da sociedade civil se organizassem em diferentes locais do país, para buscarem a concretização dos direitos destas pessoas, isto teve principal repercussão na esfera Municipal. (GOMES; SANTOS, 2012).

Apesar do avanço, o Brasil ainda não tem nenhuma Lei Federal que regulamente os direitos da população em situação de rua. O que existe atualmente são portarias e instruções que auxiliam no atendimento a esta população. Além disto há a discussão a respeito do Projeto de Lei nº 5740/2016¹⁷ que Estabelece Direitos e Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, e dá outras providências, que além de trazer partes da política contida no Decreto Federal nº7053 de 2009, traz muitos outros direitos, impedindo por exemplo a discriminação da população de rua. Passo importante para efetivação de direitos fundamentais e dignidade da população de rua.

Em 2015 o Conselho Nacional do Ministério Público lançou “Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua” que compreende em uma Ação Nacional em Defesa dos Direitos Fundamentais e da Defesa dos Direitos das Pessoas em Situação de Rua. O guia além de trazer a política nacional e a legislação para esta população, também traz diretrizes de atuação do Ministério Público e dos instrumentos para a realização desta atuação, assim como meios de fiscalização e conduta.

2.7.3 As redes de atendimento à população de rua de Rio Grande

¹⁷ **PL 5740/2016**. Disponível em: <<https://goo.gl/XXbKik>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

As ações que concretizam os avanços no âmbito de políticas públicas como relatamos anteriormente tem ganhado grande força a nível principalmente municipal, na cidade de Rio Grande, os esforços voltados para políticas públicas foram noticiados em 2016 pelo do Jornal Agora¹⁸, que trouxe a notícia a respeito da criação do Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento das Pessoas em Situação de Rua (Ciamp-Rua) no município que tem como objetivo

Articular ações governamentais e não governamentais que visam possibilitar e auxiliar na implantação e no monitoramento das ações voltadas à população em situação de rua, a fim de garantir, primordialmente, a proteção dos direitos humanos. (Jornal Agora, 2016)¹⁸

O comitê foi criado através do Decreto Municipal nº 14.004 de 07 de junho de 2016, o que de acordo com o Jornal Agora permitiu o nascimento do projeto Consultório de Rua que oferta atenção integral à saúde das pessoas em situação de rua. O projeto é parte do Programa Federal “Observatório Crack, é possível vencer” do Ministério da Saúde.

Além disso existe na cidade a Associação Rio-Grandina de Auxílio aos Necessitados (ASSORAN) que possui um albergue com 12 dependências, que atende as pessoas em situação de rua da cidade. Com capacidade para suportar até 50 pessoas, que podem jantar, realizar atividades de lazer, tomar banho, dormir, tomar café da manhã. Entre outros serviços estão os de atendimento com assistente social e confecção de documentos¹⁹. A seguir temos uma fotografia da Assoran.

¹⁸ **Mais cuidado para quem tem as ruas como casa.** 2016. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=86792>>. Acesso em: 15 de ago. 2016.

¹⁹ **Inaugurada a nova sede da ASSORAN.** 2016. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=71877>>. Acesso em: 12 set. 2016.

Figura 8 - Fachada da ASSORAN



Fonte: Marcos Jatahy. Disponível em: <<https://goo.gl/kJLBuK>>.

Ao lado da ASSORAN, existe também o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua Professora Lucimeri Coll Faria (Centro POP) que atende por dia 60 pessoas em situação de rua, vinculado à Secretaria de Cidadania e Assistência Social (SMCas) é um espaço do Ministério do Desenvolvimento Social, atende muitos dos usuários da ASSORAN e pessoas em vulnerabilidade social. Tem entre suas atividades “atendimento psicossocial, reconfiguração de vida, trabalho com práticas educativas, atividades artísticas e de reiniciação social através da confecção de documentos e encaminhamento à rede (saúde, educação) e outros²⁰. O Centro Pop foi o local que cedeu espaço para a aplicação deste estudo e nos ajudou na seleção dos indivíduos que pudessem contribuir para esta pesquisa.

²⁰ **Centro POP está em novo endereço.** 2016. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=89534>>. Acesso em: 20 out. 2016.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Através das falas dos sujeitos que trabalham em bibliotecas e dos sujeitos que estão em situação de rua, buscou-se para análise dos dados coletados nesta pesquisa, recuperar a fala social, utilizando a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo proposta por Lefrève e Lefrève (2005). Esta técnica

É uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal [...]. Consiste em “analisar o material verbal coletado extraído-se de cada um dos depoimentos, artigos, cartas, papers, as idéias centrais e/ou ancoragens e as suas correspondentes expressões-chave; com as expressões-chave das idéias centrais ou ancoragens semelhantes compõe-se um ou vários discursos-síntese na primeira pessoa do singular. (Lefrève e Lefrève, 2005, p.16).

Portanto trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, com representação do discurso dos sujeitos. Utilizando-se de entrevistas realizadas no mês de outubro de 2016, no Centro Pop, da cidade de Rio Grande, RS, com pessoas em situação de rua. Todos os indivíduos que utilizam o Centro Pop e estão em situação de rua, foram convidados a participar da pesquisa. Quando o sujeito aceitava participar era-lhe oferecido a leitura do termo de consentimento (apêndice A) e a explicação da pesquisa, estando de acordo este assinava e dava-se o início as entrevistas (apêndice B). Nenhum indivíduo foi identificado por seu nome, sendo representados aqui pela letra A e um numeral que correspondeu a ordem de entrevistas. Totalizando 12 indivíduos que representam 12% (doze por cento) da população de rua estimada em 100 pessoas, na cidade de Rio Grande²¹.

Também foi realizada pesquisa em bibliotecas da cidade, sendo estas: três públicas: Biblioteca Pública Monteiro Lobato, Biblioteca Pública Municipal Amaury dos Santos, Biblioteca Pública Municipal Érico Veríssimo; e uma particular: Biblioteca Rio-Grandense, com seus atendentes e bibliotecários. Estes indivíduos também não foram identificados, sendo aqui apresentados pela letra B e um numeral que correspondeu a ordem das entrevistas (apêndice C), neste processo participaram 4 indivíduos, cada um de uma biblioteca, estes também assinaram o termo de consentimento.

²¹ **Mais cuidado para quem tem as ruas como casa.** 2016. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=86792>>. Acesso em: 15 julho. 2016.

O roteiro de entrevista A – Pessoas em situação de rua, composto de 18 perguntas estruturadas, sofreu variação dependendo da resposta do indivíduo, sendo, portanto, eliminadas ou acrescentadas perguntas para manter o fluxo do discurso. Tratando-se assim de um roteiro semi-estruturado. As questões que dizem respeito ao perfil do sujeito como idade, gênero, cidade de origem, nível de escolaridade, profissão, estado civil, família/filhos e sobre sua habilidade de leitura, serão apresentadas em quadros demonstrativos e gráficos. Pois não podem ser mensuradas de maneira qualitativa. Utilizando-se, para análise destas informações o método quantitativo com análise empírica.

O roteiro de entrevistas B, composto de 13 perguntas, é totalmente estruturado, permitindo discurso livre dos sujeitos. Na última questão “comentários livres”, não há sugestão de resposta ou indução de comentários, permitindo a exposição do livre pensamento do sujeito.

Em ambos os roteiros foi necessária adaptação das perguntas conforme o sujeito entrevistado. As entrevistas foram gravadas em um celular SAMSUNG Ace Gt 5830, depois foram transferidas para um notebook e transcritas com ajuda do Express Scribe Transcription Software. Nos resultados o indivíduo entrevistado é identificado de acordo com sua letra correspondente já definida, já a entrevistadora recebe a letra “S”. O método de transcrição utilizado adotou as técnicas propostas por Marcuschi (1991).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

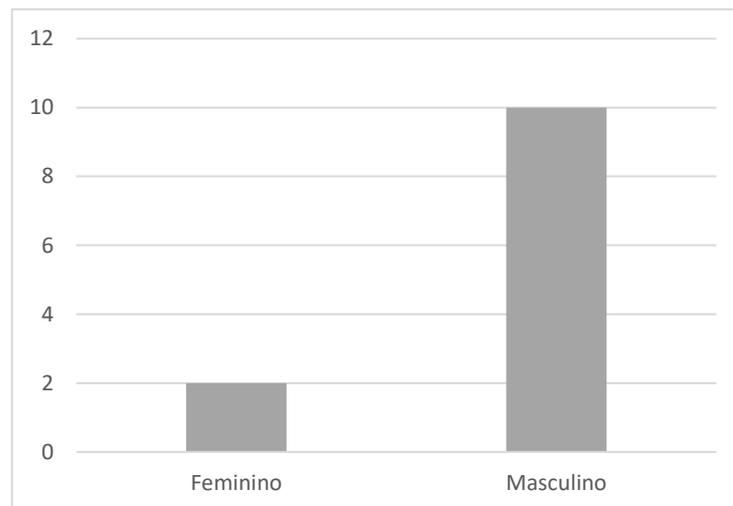
Apresentam-se os resultados, primeiramente através de quadros e gráficos quantificando resultados das perguntas da entrevista 1 – relativas as pessoas em situação de rua, que traçam o perfil do sujeito entrevistado. Em seguida utilizando o DSC para as questões restantes das pessoas em situação de rua e todas as outras da entrevista 2 – relativas as bibliotecas.

4.1 Identidade das pessoas em situação de rua

Nesta seção serão apresentados os dados referentes ao perfil das pessoas em situação de rua entrevistadas.

Sobre idade e gênero

Gráfico 1 - Gênero das pessoas em situação de rua entrevistadas



Fonte: Elaborado pela autora

A média de idade dos entrevistados é de 34 anos. Sendo que o mais novo tem 19 anos e o mais velho 58 anos. Quanto ao gênero dos entrevistados, dos 12 entrevistados apenas dois indivíduos são do gênero feminino, sendo o restante do gênero masculino. O que equivale a menos de 16% dos indivíduos, fato que converge com a relação de pessoas em situação de rua, de acordo com o Centro POP, em consulta ao acervo documental. Ainda é possível comparar com os dados já apresentados em seção anterior, em que o MDS apresenta em Pesquisa Nacional que

82% das pessoas em situação de rua são do gênero masculino, confirmando mais uma vez que a população de rua, no geral apresenta em sua grande maioria o gênero masculino.

Sobre cidade de origem

Tabela 1 - Local de origem das pessoas em situação de rua

Cidade	Contagem de Sujeito
Bagé	1
Bogotá (Colômbia)	1
Montevideo (Uruguai)	1
Pelotas	1
Rio Grande	8

Fonte: elaborado pela autora

Enquanto 4 provem de outros locais, sendo dois de outros países Colômbia e Uruguai, a grande maioria são nascidos em Rio Grande e equivalem a 66,67% da população estudada. Esta relação de origem muitas vezes está ligada aos motivos que levaram a situação de rua, em partes está ligado a questões familiares, então o sujeito acaba permanecendo na sua cidade.

Sobre os motivos que levaram a situação de rua

Tabela 2 - Razões que levaram a situação de rua

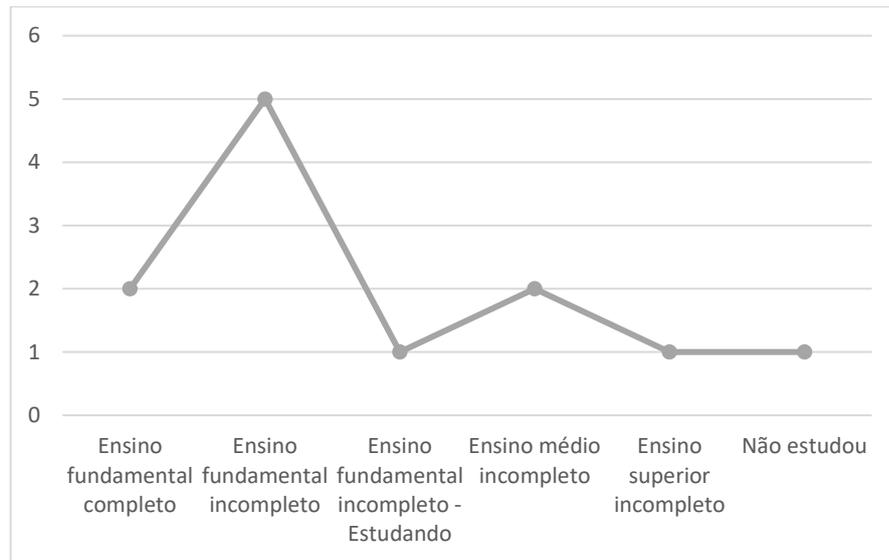
Rótulos de Linha	Contagem de Sujeito
Desemprego	4
Drogas	4
Expulso de casa	1
Falta de dinheiro	1
Nasceu na rua	1
Questões familiares	4

Fonte: a autora

Os motivos que levaram a situação de rua são diversos, sendo os mais recorrentes: desemprego, uso de drogas e questões familiares com a mesma quantidade de ocorrências (4). Alguns sujeitos, em seu discurso demonstraram mais de um motivo para estarem nas ruas. Apenas o sujeito A12 disse gostar da situação, pois assim pode conhecer diversos lugares, se alto denomina “andarinho” (não houve nenhuma pergunta referente a esta questão).

Santos (2009, p. 67) fala que a separação da família é um fator determinante, seja por desavenças, perdas da casa, ou da própria família. Vieira, Bezerra e Rosa (2004 apud Santos, Idem) afirmam que este é um assunto difícil de se tratar em entrevistas, pois o indivíduo acaba se lembrando de questões sentimentais de abandono, decepções, rupturas. Em nossa pesquisa apesar do tema “família” apresentar ocorrência direta de 4 repetições, na resposta “problemas familiares”, vemos outro fator relacionado a este, na resposta “expulso de casa”. Que para Vieira, Bezerra e Rosa (Idem) está relacionado principalmente com o motivo de jovens irem parar na rua. Santos (Idem, p. 62) ainda reforça que os principais motivos que levaram a situação de rua, de acordo com a Pesquisa Nacional... (META, 2008) é “o problema de alcoolismo e/ou drogas (35,5%); desemprego (29,8%) e desavenças com pai/mãe/irmãos (29,1%)”. Sendo que estes três podem estar correlacionados ou um ser consequência do outro. Nas falas dos respondentes vemos que falta de dinheiro está ligada diretamente ao desemprego. E que A12 que afirma ter nascido na rua, relata em seu discurso questões familiares.

Sobre o grau de escolaridade

Gráfico 2 - Grau de estudo

Fonte: a autora

Dos doze sujeitos, um não estudou, um tem o ensino superior incompleto, um possui o ensino fundamental incompleto, mas está estudando. Dois indivíduos possuem ensino médio incompleto e dois indivíduos possuem ensino fundamental completo. Houve maior recorrência para os indivíduos que não possuem ensino fundamental completo e não estão estudando, 41,67% dos sujeitos.

Sobre a profissão

Tabela 3 - Profissão

	Contagem de Empregados
Desempregado	6
Ferreiro	1
Palhaço	1
Pintor de casa	1
Serviços gerais	2
Vendedor ambulante	1

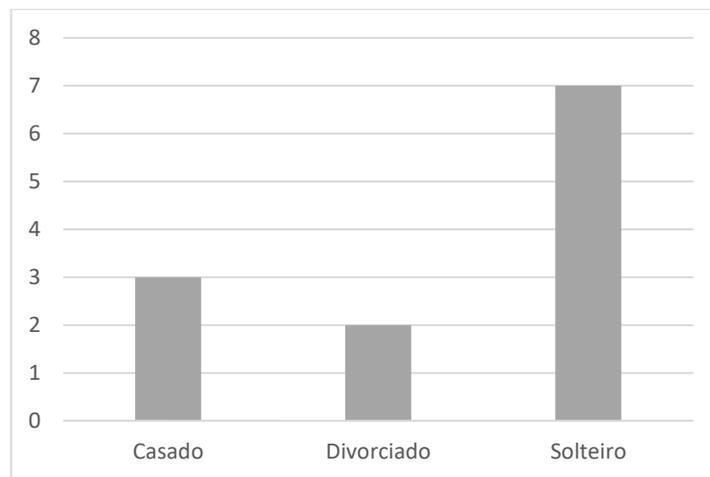
Fonte: Elaborado pela autora

A quantidade de desempregados equivale a 50% da população entrevistada, mas isto não quer dizer que este não exerça atividades remuneradas para sua sobrevivência. Comparando as profissões a área de atuação apenas um está

trabalhando na sua profissão, que é o palhaço. É preciso colocar em observação, que as áreas de atuação costumam ser transitórias, que apesar de alguns possuírem uma área em que atuou mais, a grande maioria trabalha em atividades e passam por grande rotatividade. Podemos ver a desmitificação da pessoa em situação de rua como “pedinte”, “mendigo”, pois nas entrevistas nenhum afirmou sobreviver de “esmolas” ou ainda, pedir dinheiro na rua. Já na Pesquisa Nacional realizada em 2008 Santos (2009) afirma que apenas 15,7% vive com pedido de dinheiro como forma principal de sobrevivência.

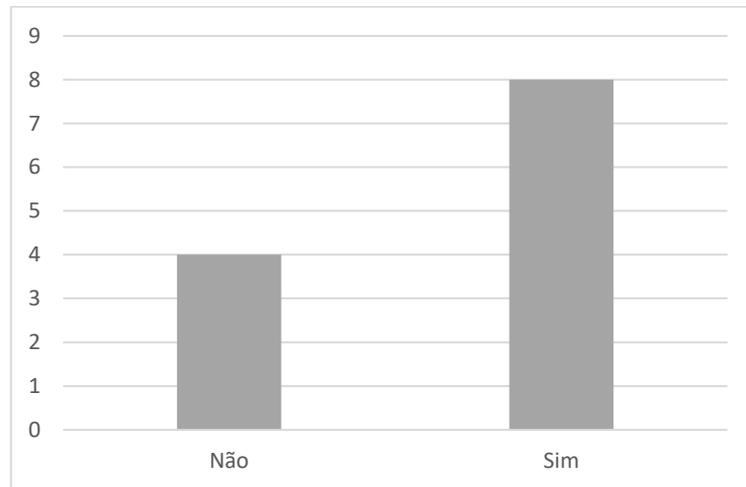
Sobre o estado civil e filhos

Gráfico 3 - Estado civil



Fonte: Elaborado pela autora

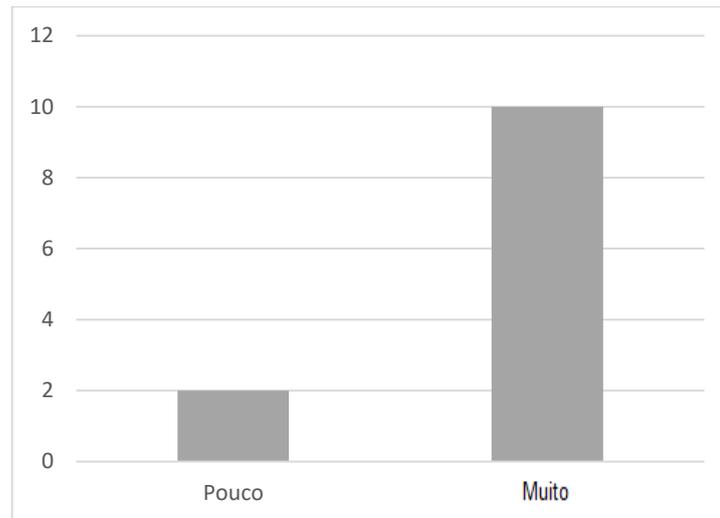
A maioria dos indivíduos são solteiros, 3 são casados e 2 são divorciados. Gomes e Santos (2012) afirmam que na grande maioria das vezes o sujeito não nasce na rua, ele passa por processos de rupturas emocionais e/ou econômicas que os levam a fazer da rua seu espaço de viver. A grande maioria tem em seus relatos assuntos relacionados a família, cônjuge, moradia e posterior processo de perdas. Morar na rua passa a ser consequência, não escolha. Vemos isto na fala da maioria dos sujeitos entrevistados mesmo os que são solteiros relataram problemas relacionados a vivência familiar ou social, em algum ponto da entrevista.

Gráfico 4 - De número de sujeitos que possuem filhos ou descendentes

Fonte: Elaborado pela autora

A maior parte dos sujeitos são solteiros (58.33%) e tem filhos (66.67%), o que não equivale a porcentagem filhos x solteiros, uma vez que a maior parte de solteiros não tem filhos (57.14%). Já todos os casados ou divorciados tem filhos. A questão familiar como já relatada anteriormente tem forte impacto sobre a vida dos entrevistados. Dos sujeitos que tem filhos, a relação afetiva a estes geram um impacto maior no fator “motivos que levaram a situação de rua”, uma vez que muitos indivíduos que tem filhos, relataram ter se afastado do convívio familiar principalmente para não causar danos maiores aos filhos, seja devido ao alcoolismo, ou outras drogas. Alguns sujeitos relataram querer ser exemplo para os filhos, principalmente no aspecto da leitura e estudos. E durante as vezes que veem ou visitam os filhos, a leitura é um ponto de aproximação.

Sobre sabe ler

Gráfico 5 - Aspectos sobre o grau de leitura

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto a possuir habilidade da leitura textual 83.33% dos sujeitos afirmam saber ler muito e 16.67% afirmam ler pouco. Nenhum sujeito informou não saber ler. As questões do hábito de leitura e outras relacionadas serão discutidas em tópicos posteriores. É bom salientar aqui, a respeito do “mito do letramento” (KLEIMAN, 1995 apud SANTOS, 2009) que reproduz a ideia principalmente pela mídia, através de propagandas que a alfabetização garante capacidade de integração na vida moderna, a ascensão e a mobilidade social. O que traz um discurso excludente, que foi gerado pela sociedade, mas é repetido pelo entrevistado, como se a leitura pudesse trazer a à capacidade de pensar, raciocinar, ou ao “falar bem” o sujeito vai garantir um espaço elevado socialmente. Vemos isto em diversas falas dos entrevistados, alguns quando perguntados sobre leitura, se envergonham da situação de não terem lido ultimamente, outros querem reafirmar seu estado crítico e pensante através da leitura e do que leem. A leitura se torna uma obrigação que o diferencia de outro sujeito. Apenas um dos sujeitos (A12), se propõe a afirmar não saber ler bem e não se preocupar com isto, no entanto, este mesmo sujeito relata que já foi excluído por não saber ler. Já outro exemplo, é o sujeito A6, que afirma que a leitura deixa o sujeito mais inteligente.

É importante lembrar que a leitura é um reflexo do mundo, de nossas vivências, é a representação daquilo que já se conhece. Assim sendo, o sujeito que lê verá como reflexo de si mesmo e de seu mundo (LEFFA, 1994). Por isso que grande parte dos

indivíduos entrevistados dizem que utilizar a leitura como “caminho de fuga”, ou seja um processo libertário daquele momento que ele está passando. Uma viagem além daquilo que ele está sentindo. A leitura traz alegria como afirmado por A8, já A9 que lê a bíblia para sair da “loucura”, ir ao encontro a Deus, ou ler jornais, como grande parte do grupo faz, para ter acesso a informações. Faz com que a leitura adquira, também um papel de transformadora da sociedade, do mundo (SANTOS, 2009).

4.2 Aspectos do perfil dos entrevistados

Podemos identificar através destas entrevistas, que a grande maioria da população de rua de Rio Grande, é do gênero masculino, são originados da própria cidade, possuem a média de idade de 34 anos, sabem ler, foram morar na rua principalmente por rupturas familiares, não possuem ensino fundamental completo, exercem atividades remuneradas. São em sua maioria solteiros, mas grande parte possui filhos.

4.3 Análise das questões discursivas com base na técnica do Discurso do sujeito coletivo

Para as questões de aspectos da relação do morador de rua com a leitura e desse com as bibliotecas utilizou-se o Discurso do Sujeito Coletivo, como já informado. No primeiro momento utilizam-se quadros que apresentam as expressões chaves e as ideias centrais. Em seguida apresentamos os discursos do sujeito coletivo. As palavras em colchete foram acrescentadas para dar sentido ao texto.

Você gosta de ler? O que você lê? E onde consegue?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 1 - Aspectos da leitura

Sujeito	Expressões-chaves	Ideia Central
A1	Não costumo ler. Só jornal. [Encontro] nas bancas nos lugares. Gosto [de ler] sobre segurança no jornal. Porque eu [gosto de	Não tem lido nada além de jornal, pois gosta de saber sobre segurança. Compra jornais.

	ficar] mais por dentro dos assuntos da segurança.	
A2	Eu gosto bastante, só que as vezes eu tenho sabe assim desnorreado, desiludido, da vida porque assim eu quero mais arrumar um trabalho para mim, eu sei que é fácil pegar um livro e ler, mas a minha situação está difícil sabe? Eu quero arrumar um trabalho eu quero sair dessas drogas também, agora eu estou parado eu não quero mais. Jornal porque tem várias informações, um tanto de notícia boa né. Eu gosto de ver as coisas que dá né? Que tem né? Saber de tudo né? Sobre segurança. Eu gosto de todos os livros.	Gosta de ler, mas não tem lido por causa do desemprego e uso de drogas. Lê jornal para saber sobre segurança e gosta de ler livros.
A3	Gosto de ler gibi. É eu gosto de ler alguma revista. Coisas engraçadas. Às vezes é aqui [Centro Pop] Às vezes é os guris que trazem os gibis ou coisa assim. A eu gosto de piadas.	Gosta de ler gibis, coisas engraçadas e revistas. Consegue jornais com amigos e no Centro Pop.
A4	Eu gosto de ler bastante gibi. Leio livro de história. Leio jornal também. Histórias sabe daquela da turma da Mônica. Às vezes eu acho, no lixo né?	Gosta de ler gibi, livros e jornais. Consegue no lixo.
A5	Eu gosto de ler, qualquer livro. Eu pego aqui no POP, as vezes eu acho também o livro, mas eu não gosto de livro/livro espírita eu não gosto.	Gosta de ler livros. Consegue no Centro Pop ou acha.
A6	Eu tenho preferência de ler é gibi... eu gosto de ler muito gibi. E literatura assim eu gosto de ler livro que seja pequeno entendesse? Não é que assim... altamente (sic) agora eu não ando lendo muito mais... eu tinha mania de ler quando eu estudava... quando eu estava estudando.	Gosta de ler gibi e livros em geral. Não tem lido. Lia quando estudava.
A7	Qualquer livro de história... educacion física. É isto me gusta mucho. Veo interesante y poner a leer lo libro. Los deportes, me gusta. Aqui hay muchos libros, joy lo pego y levo e os leio, depos os trago.	Gosta de ler livros, principalmente sobre esportes. Consegue n Centro Pop.
A8	Que eu gosto muito são livros científicos, adoro, eu tenho uma curiosidade para saber para quê que foi feito aquilo, então eu procuro me inteirar para saber. Deixa eu ver aonde que eu consigo além da biblioteca. Sobrenatural, isto tudo aí eu adoro ler na própria biblioteca pública, no SESI também.	Gosta de livros científicos, sobrenaturais. Consegue na biblioteca pública e no SESI.

A9	[Gosto de ler] a bíblia, porque eu gosto de estar atenta com Deus. Tenho a bíblia comigo, está ali dentro da mochila, onde eu vou eu levo ela. Livros, história de quadrinhos, adoro.	Gosta de ler a bíblia, para estar próxima a Deus. Gosta de livros e adora gibis. Carrega consigo.
A10	[Gosto] mais é que fale de família Agora não. Porque não tenho mais vontade de nada. [Leio] jornais. Mas para saber sobre o/o que anda acontecendo, há muita violência. Às vezes eu vou lá no hospital da FURG, né? Que eu faço tratamento lá, ai eu leio lá ou se não eu peço algum amigo meu, quando ele tem ai eu leio.	Gosta de ler livros que fale de família, mas não tem lido. Lê jornais para saber de segurança. Consegue no hospital da FURG ou com amigos.
A11	Eu curtia na real jogar os livros de games book né? Eu procurava um livro de espirita. Sempre tive esta vontade na real, de saber sobre os espíritos. Não sei... na real não curto muito ler na real. Muito difícil na real eu ler. Acho que é muita concentração num bagulho só, eu acho, mas eu leio sim.	Não gosta de ler, utilizava livros para jogar. Tem preferência por livros sobre espíritos.
A12	No, tive porque mi pai e mi mãe poniam a reciclar, a correr per, papel, a casa a más, como és? Cartoneto, papelon, yo recolhia papelon e ayudava ellos e no tuve estudio. No. Goste mucho [de livros com figuras]	Não gosta de ler.

Fonte: Elaborado pela autora

Com base nas respostas analisadas, percebe-se que há a prevalência de três discursos distintos que representam os as pessoas em situação de rua entrevistados por esta pesquisa a respeito do hábito da leitura: 1º discurso: “Não gosto de ler” (DSC1 A12 e A11), 2º discurso: “Gosto de ler jornais para saber sobre segurança, consigo com amigos, eu encontro, eu compra” (DSC2 (A1, A2, A3, A4, A10) e 3º discurso: “Gosto de ler, leio livros, gibis e jornais. E os consigo com amigos, eu encontro no lixo, eu pego na biblioteca” (DSC3 (A2, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10).

Sendo que, o 3º discurso representa a maioria dos respondentes, ou seja, a maioria dos entrevistados, a respeito do hábito de leitura, manifestaram que gostam de ler e dentro do que leem estão livros, gibis e jornais. O modo como conseguem estas obras é geralmente através de amigos ou encontram no lixo.

Frequenta bibliotecas? O que faz por lá? Gosta?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 2 - Frequência, atividades e gosto por bibliotecas

Sujeito	Expressões-chaves	Ideia Central
A1	Lá na cidade eu ia nas bibliotecas para ler. Da escola. Não muito, mas eu ia. Mexia nos computadores tinha acesso. Agora não. Por que eu sai da área de escola sai da área de serviços ai eu não costumei mais frequentar estes lugares.	Eu ia em bibliotecas na escola, às vezes, mexia nos computadores, agora não vou mais.
A2	A direto eu ia no CAIC. A sim desde quando eu era criança Até agora não, eu ando parado. Eu gosto muito de ler, mas é que só leitura não dá.	Eu ia em biblioteca na escola, mas agora não vou mais, gostava de ir ler.
A3	Não. [Eu] gostaria [de ir]... vários lugares que eu não... pra tu vê né? Moro em Rio Grande e muitos lugares não fui ainda... é que de repente não me levaram... não me incentivaram.	Nunca fui em uma biblioteca, porque nunca me levaram ou incentivaram.
A4	Na da escola eu já fui. Eu gostava muito era de olhar os livros assim... de ler os versos assim... não lê o texto, mas olhar assim.	Eu ia em biblioteca na escola, mas agora não vou, eu ia ver versos.
A5	Não, só da escola só. A gosto, gostava e gosto. Fazia pesquisa, do estudo das matérias né? Para as provas. Eu até faço ainda.	Eu uso a biblioteca apenas da escola, eu gosto de fazer pesquisa, estudar para as matérias.
A6	Não é que assim, altamente agora eu não ando lendo muito mais, eu tinha mania de ler [na biblioteca da escola] quando eu estudava. A eu gostava de ler estes livros aí que eu te falei da coleção vagalume.	Eu ia em biblioteca na escola, mas agora não vou, eu ia ler livros da coleção vagalume.
A7	A mirava los livros, eso, e o que me ha gustado. Porque achar, vo assinar, e dar mi documentos e pode tirar o libro pra tu casa, depois los entregava. Si cuase todos os días, cuando no estudiava, fazia este, y quando no trabalha, sabado e domingo, fazia isto.	Eu ia em biblioteca na escola, agora não, eu ia pegar livros para ler em casa.
A8	Na infância não, mas depois de adulto sim Muito bom. Depois eu pegava livros [em] uma segunda feira e entregava na outra segunda, três, quatro, na própria biblioteca pública. Não tenho ido por causa que eu estou com este problema nas vistas né? Ai puxa muito.	Não fui em bibliotecas quando criança, apenas depois de adulto. Na biblioteca pública, para pegar livros e ler em casa. Agora não tenho ido.

A9	Já no colégio quando eu estudava. Gosto. Porque não tenho tempo, só na loucura da droga. Para ler, adoro.	Eu ia em biblioteca da escola, agora não. Eu ia para ler.
A10	Frequentei [escola]. Mas era ler, quando eu era pequena eu me lembro que eu lia mais livros assim de historinha. Agora não.	Eu ia em biblioteca da escola, agora não. Eu ia para poder ler.
A11	Já. Fui na vanguarda. Curti, vários livros lá. Eu curtia na real jogar os livros de games book né? Eu procurava um livro de espirita. Foi de, não sei na real sempre tive esta vontade na real... de saber sobre os espíritos.	Eu fui na vanguarda, agora não vou a bibliotecas. Eu ia procurar um livro espirita e jogar games book.
A12	Sin, tentei e no gostei por hey libros lá, y yo no os leio libros, e eno, bonecos pintados pois no leer bien. ellos trataran pois, se trata bien, pero quando yo falo, sabem, que yo no sabe ler, ya no tratam bien, si no tratam com mal, yo sei você no, então isso no gusta a mi.	Eu fui uma vez na biblioteca, e não gostei. Eu não sei ler bem. E quando falei isto para eles, eles não gostaram de mim.

Fonte: Elaborado pela autora

Nesta pesquisa, pode-se perceber, a ocorrência de cinco discursos presentes nas falas dos sujeitos, com relação ao uso, frequência e gosto por bibliotecas. 1º discurso: “Eu ia em bibliotecas da escola, mas agora não vou em nenhuma. Eu mexia nos computadores, ia pegar livros, para ler, eu lia a coleção vagalume, via versos, estudava para as matérias e fazia pesquisas” (DSC1 A1, A2, A4, A5, A6, A7, A9, A10). 2º discurso “Nunca fui em uma biblioteca, porque nunca me levaram ou incentivaram” (DSC2 A3). 3º discurso: “Eu uso a biblioteca apenas da escola, eu gosto de fazer pesquisa, estudar para as matérias” (DSC3 A5). 4º discurso: “Não fui em bibliotecas quando criança, apenas depois de adulto. Na biblioteca pública, para pegar livros e ler em casa. Agora não tenho ido” (DSC4 A8). 5º discurso “Eu fui uma vez na biblioteca, e não gostei. Eu não sei ler bem. E quando falei isto para eles, eles não gostaram de mim” (DSC5 A12).

O primeiro discurso ocorre em maior frequência entre os entrevistados, sendo assim, a maioria dos sujeitos ia em bibliotecas somente na escola, não frequentando nenhuma atualmente. Utilizando-se do espaço para usar computadores, pegar livros, ler, estudar e fazer pesquisas.

Você conhece a biblioteca pública de Rio Grande? Se eu te convidasse para ir em uma biblioteca agora, você iria?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 3 - Bibliotecas públicas de Rio Grande: Conhece? Gostaria de conhecer?

Sujeito	Expressões-chaves	Ideia Central
A1	Sei do prédio. Mas nunca entrei ali. Hoje em dia eu não sinto mais falta. Só neste tempo que eu te falo quando eu estudava. Eu até ia para pegar uns livros de leitura, para ver um jornal, para mexer nos computadores, mas depois não.	Eu conheço de vista, o prédio da biblioteca pública. Mas, hoje em dia não sinto falta de bibliotecas.
A2	Eu não conheço não [a pública]. Tenho vontade de conhecer. Eu iria, eu gosto de biblioteca. Eu gosto assim de histórias, leitura, eu gosto também muito de leitura em quadrinhos também, tem o personagem assim eu gosto de ir lendo e mostrando o personagem.	Eu não conheço bibliotecas públicas, eu iria gostar de conhecer, porque gosto de histórias em quadrinhos. Eu iria, eu gosto de bibliotecas.
A3	É gostaria, vários lugares que eu não [conheço]. Nunca entrei lá. Sei lá eu [porque]. Lá de repente tem alguma coisa que me interessa... né? Quem sabe né? Por isso. Pode ter coisas novas né? Sempre é bom ir em algum lugar para aprender alguma coisa né?	Eu não conheço bibliotecas públicas, iria gostar de conhecer, deve ter algo que me interessa, algo para eu aprender.
A4	Sim iria é bom né? Ler é bom. Sim faz um monte, é bom até par abrir mais a mente da pessoa né? Ter mais conhecimento. Não, se eu te falar que fui não fui mesmo.	Eu não conheço bibliotecas públicas, iria gostar de conhecer, para abrir a mente, ter mais conhecimento.
A5	De prefeitura não. Só fiz umas perguntas ali. Não porque eles também não deixam né? O livro é para ler ali mesmo, a pesquisa tu faz ali, os livros tu deixa ali. Dai tu tinha que se cadastrar e pode fazer pesquisa né? E ai tu paga uma taxa de quinze reais, mas nem foi por isso. Até gostaria. Biblioteca é boa, esta nossa que temos ai é boa, tem bastante livro lá.	Eu não conheço biblioteca pública, só fui uma vez, para fazer perguntas. Eu gostaria porque a biblioteca é boa, tem bastante livro lá.
A6	A daqui eu bem não conheço. Eu passo ali, todos os dias, conhecer ela bem por dentro eu não conheço. Porque é bom. Acho que a leitura deixa a gente mais inteligente. Eu	Eu não conheço a daqui. Eu passo perto dela todos os dias, eu gostaria de ir, tenho minha filha e queria

	gosto e tem minha filha que ela está entrando agora na fase da adolescência, aí é bom ler o livro porque eu posso dar o exemplo para ela e já indicar alguma coisa para ela entendesse? A iria.	dar o exemplo da leitura para ela.
A7	No, leio em casa. É qualquer lugar. Porque no coneco. En Uruguay si. A porquê, una biblioteca aprende mas. Siempre uno devemos, siempre esta aprendendo algo, e em los libros sy aprende mucho.	Eu não conheço a daqui. Mas gostaria de conhecer, porque na biblioteca sempre se aprende mais.
A8	Depois eu pegava livros numa segunda feira e entregava na outra segunda, três, quatro na própria biblioteca pública. Não tenho frequentado, estes dias mesmo passei na frente da biblioteca e disse assim pô to perdendo de tá lendo perdendo de tá lendo. [Mas] Gostaria. Para ler mais um pouco... que é muito bom... a sabedoria ela é ótima	Eu conheço, já utilizei, não tenho ido. Eu gostaria de ir, para ler, porque é muito bom.
A9	Iria todo dia. Para ler adoro. [Biblioteca pública?] Não.	Eu não conheço, mas iria todo dia, para ler.
A10	Conheço uma só. A dali do mercado. Ja entrei com a escola quando eu era pequena. [já quis entrar, mas não sei porque não entrei]. Pelo menos a gente lê, a gente ocupa a cabeça. É bom ler.	Eu conheço, já fui com a escola quando pequena, já pensei em voltar, mas não sei porque não fui. Eu gostaria, porque lendo a gente ocupa a cabeça.
A11	Não conheço. Iria. Não sei né, alguma coisa deve ter lá, para alguém querer me levar lá... alguma história sei lá eu, para eu entender mais.	Eu não conheço, mas iria, por causa do convite.
A12	Ya, ten interés no, porque ya, soy un aburrido.	Não tenho interesse.

Fonte: Elaborado pela autora

Com relação as bibliotecas públicas da cidade de Rio Grande, seu uso, interesse e saber de sua existência os entrevistados foram compostos 4 discursos distintos. Sendo: 1º discurso: “Eu conheço de vista, o prédio da biblioteca pública. Mas, hoje em dia não sinto falta de bibliotecas” (DSC1 A1). 2º discurso: “Não tenho interesse” (DSC2 A12). 3º Discurso: “Eu não conheço bibliotecas públicas, eu iria gostar de conhecer, porque gosto de histórias em quadrinhos. Deve ter algo para eu aprender, para abrir a mente, ter mais conhecimento. Eu quero dar o exemplo da

leitura. Em biblioteca sempre se aprende mais. Eu iria ler. Iria por causa do convite. Eu gosto de biblioteca, tem bastante livro lá” (DSC3 A2, A3, A4, A5, A6, A7, A9, A11).
4º discurso: “Eu conheço, já utilizei, não tenho ido. Eu gostaria de ir, para ler, porque é muito bom” (DSC4 A8).

A maioria dos entrevistados confirmaram o discurso 3º, não conhecem nenhuma biblioteca pública em Rio Grande, mas gostariam de conhecer, pois deve ter algo que lhes interessa. Iria por um convite, por haver livros na biblioteca, para aprender.

Alguém já leu para você? Quem?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 4 - Mediação da leitura oral por terceiros

Sujeito	Expressões-chaves	Ideia Central
A1	Lá na cidade eu ia nas bibliotecas para ler.	Não.
A2	Pô eu gosto muito. É muito legal.	Sim e foi legal.
A3	Já leram. Ela [esposa] principalmente, eu peço para ela ler para mim direto. Coisas engraçadas. A eu gosto. Ela lê qualquer coisa principalmente coisas antigas assim.	Sim, minha esposa, eu gosto.
A4	Sim. Sim gostei. Diversas histórias.	Sim, eu gosto.
A5	Só quando eu era pequeno depois não.	Só quando eu era pequeno.
A6	Não isto aí não.	Não.
A7	No. Yo ser leer. Incluso leí para mí.	Não.
A8	Minha filha historinhas. Gosto, a fã do chaves.	Sim, minha filha, eu gosto.
A9	Já várias pessoas. Gostava.	Sim, eu gosto.
A10	Não.	Não.
A11	Já. Minha mãe. Ah foi boa na real. Uma história. Quando eu era mais novo na real.	Sim, minha mãe, foi bom.
A12	Leer yo? No, e la gente no gustava de mi, e no tenia oportunidades para eso.	Não, as pessoas não gostavam de mim não tive oportunidades.

Fonte: Elaborado pela autora

Através da análise do quadro, foi possível perceber a existência de quatro discursos representados pelas respostas dos entrevistados. 1º discurso: “Nunca leram para mim” (DSC1 A1, A6, A7, A10, A12). 2º discurso: “Sim já leram para mim, pessoas da minha família, eu gostei” (DSC2 A3, A8, A11). 3º discurso: “Sim já leram para mim, e eu gostei” (DSC3 A2, A4, A9). 4º discurso: “Só leram para mim quando eu era criança” (DSC4 A5).

Nesta última análise o discurso 1 é o que apresenta maior respondente, sendo que não tiveram em nenhum momento das suas vidas a mediação da leitura. Os discursos 2 e 3, são parecidos, porém no discurso 3, os sujeitos não afirmaram quem eram as pessoas que mediam a leitura. Mas no contexto geral a maioria dos entrevistados, formados pelo discurso 2 e 3, já tiveram e/ou participaram de atividades de mediação da leitura e gostaram.

4.3.1 Análise dos discursos das pessoas em situação de rua: leituras, bibliotecas e mediação.

Podemos constatar nesta pesquisa que a maioria dos sujeitos entrevistados, demonstram interesse pela leitura, tendo em sua grande maioria gosto por ler quadrinhos e jornais. Bortolin (2001 apud BAZÍLIO, 2014) afirma que o Brasil tem pouca tradição na leitura, assim, é necessário o incentivo, com finalidade de aproximar o leitor do texto literário. Para tanto ele garante, é necessário um mediador, que fará a intervenção necessária, realizando esta aproximação. Assim verificamos que os indivíduos leitores, que foram notados nesta pesquisa, são aqueles que de alguma maneira tiveram em sua infância o incentivo, por algum membro da família, por professores, ou por uso de bibliotecas escolares. E mesmo depois de adultos acessam a leitura através de filhos, esposas, ou/e algum indivíduo de seu convívio social. O papel da biblioteca escolar aqui visto, traduz a fala de Bazílio (2014, p. 37).

Concordamos que o bibliotecário deve assumir esse elo entre indivíduo e leitura, tornando-a prazerosa, lúdica e mágica. Nóbrega (2009, p. 98) afirma que “os bibliotecários devem ter um olhar apurado sobre as práticas informacionais”. Coloca assim o sujeito como ator principal da unidade de informação. E, se nesse sentido, pensarmos em sujeitos leitores estamos operando com o processo de mediação.

Se a biblioteca escolar, aqui se apresenta como ponto influenciador na formação destes leitores, porque na fase adulta eles param de ler? Será que esta realmente concluiu seu papel? E a biblioteca pública? Qual será seu papel fomentador? Quanto a isto os indivíduos respondem que depois de adultos, deixam de frequentar bibliotecas, salvo um que se mantém em ambiente escolar. A grande maioria dos entrevistados tem interesse por conhecer bibliotecas públicas e veem nesta instituição fatores positivos que seriam de seu agrado e poderiam acrescentar algo em suas vidas. Mesmo assim, a única biblioteca citada foi a Rio Grandense que não é uma biblioteca pública, que apesar de grande parte não ter sequer entrado nela, sabem de sua existência. Dentre os entrevistados, temos um indivíduo (A12) que afirmar ter visitado uma biblioteca pública e ter sofrido discriminação. O que faz com que ele não tenha interesse por bibliotecas.

Bazílio (2014, p. 37-38) concorda com o papel do bibliotecário para atuar em bibliotecas públicas, em que deve ser uma pessoa ativa, comunicativa e dinâmica, que possibilite a ligação entre a leitura e o leitor. A autora ainda acredita que a mediação deveria despertar o gosto pela leitura. E que o mediador deveria auxiliar na construção de sujeitos críticos. Já a biblioteca pública deveria assumir seu papel social, amenizando os traumas da escola, se diferenciando da escolarização repressora e reprodutora. Talvez, este seja o maior problema da continuação da leitura na fase adulta do indivíduo, pois ele carrega consigo a visão da leitura, associada a esta educação. Alguns dos entrevistados, afirmam que nunca sequer foram convidados a visitar uma biblioteca pública e nenhum dos indivíduos afirmaram já terem participado de mediação da leitura nas bibliotecas, sempre lembrando de familiares, mães quando crianças, filhos ou amigos quando adultos.

Quanto a mediação da leitura é importante afirmar que ela abrange todo o fazer do profissional da informação, incluindo, portanto, armazenar e disseminar. Assim seria importante que quando se falasse em leitura, se priorizasse o papel do bibliotecário, que este fosse envolvido nos processos de alfabetização como grande consultor e participante destes processos. Manguel (2000 apud BAZÍLIO, 2014) nos chama atenção que para formar leitores, é preciso muitas vezes se entregar ao gosto do indivíduo que lê. Bazílio (2014, p. 39) reforça esta ideia com o papel da biblioteca pública que deve convidar o leitor a uma prática relacionada a suas experiências, sua

realidade, necessidades e carências. Tudo isto relacionado ao prazer, a satisfação, despertando a aproximação entre leitor e livros, numa relação enriquecedora. A preferência dos entrevistados por gibis e jornais poderia ser um ponto forte para atraí-los a biblioteca, seria este elo.

A inclusão social pela leitura é uma inclusão cultural, prevista no Plano Nacional do Livro e da Leitura, instituído em 2006 pelo Ministério da Cultura em parceria com Ministério da Educação²². Sendo um dos eixos do Plano o fomento à leitura e a formação de mediadores, sobre isto Bazílio (2014) cita Silva (2010) relata a questão da leitura e mediação, apontando anos de dívidas por parte do governo brasileiro e que o cenário de bibliotecas é extremamente escasso. O Plano é um programa pertinente, mas que não supre todas as necessidades, justamente, pelo tempo que se demorou para chegar neste patamar. Ver indivíduos como os de nossas pesquisas, resistindo aos espaços da biblioteca é reflexo de uma sociedade e de um Estado displicente, que exclui.

4.4 Bibliotecas

Aqui serão relacionadas as análises dos discursos das entrevistas realizadas com os bibliotecários das bibliotecas públicas da cidade do Rio Grande, RS através do Discurso do Sujeito Coletivo. Retorna-se e responde-se as questões sobre a relação do bibliotecário com o morador de rua, conforme anunciado na p. 14, introdução deste trabalho de pesquisa.

4.4.1 Expressões chaves e ideias centrais dos indivíduos entrevistados nas bibliotecas.

A biblioteca atende pessoas em situação de rua? Quantos por mês? Como ocorre este atendimento? Que tipo de material eles procuram?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 5 - Bibliotecas e o atendimento a pessoas em situação de rua

Sujeito	Expressões-chave	Ideia Central
---------	------------------	---------------

²² Portal Brasil. **Livro e leitura**. 2012. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2012/02/livro-e-leitura-1>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

B1	Como assim atende? Se ele entrar aqui a gente atende, eu não vou excluir ninguém, entendesse. Ninguém é excluído.	Este atendimento nunca ocorreu por falta de procura.
B2	Sim. Por mês? Sempre vem os mesmos, mais ou menos uns quatro. Muitos chegam no balcão de referência, e pedem o material que já tem separado para eles, aí a gente dá para eles. A maioria das vezes eles vão ali para o salão, e ficam com o material deles estudando. Tem diversos, um pede dicionários de medicina sempre, o outro pede sobre a batalha naval e da guerra, tem uns que pedem mapas da cidade, tem outros que gostam de olhar o jornal do dia.	Atendemos. Uns quatro por mês, já tem um material separado para eles.
B3	Até o momento não, de empréstimos coisas assim nunca aconteceu, já houve o caso de morador de rua, vim aqui e me trazer livros que ele achou na rua, e me disse assim "é importante livro e lugar de livro é na biblioteca então eu trouxe para cá tu aceita? Embora muitos fiquem aqui na avenida, que eu já vi, eles ficam sentados nos bancos, mas eles não chegam até aqui.	Este atendimento nunca ocorreu por falta de procura.
B4	Olha a biblioteca é aberta para comunidade em geral, inclusive a moradores de rua. Só que, até o presente momento, não foi procurada por nenhum morador de rua.	Este atendimento nunca ocorreu por falta de procura.

Após análise do quadro, percebe-se dois discursos, que representam as respostas dos entrevistados. 1º discurso: Este atendimento nunca ocorreu por falta de procura. (B1, B3, B4). 2º discurso: Atendemos. Uns quatro por mês, já tem um material separado para eles.

O 1º discurso tem um maior número de respondentes, demonstrando que a maioria das bibliotecas públicas de Rio Grande não atendem pessoas em situação de rua por falta de procura dos mesmos.

A biblioteca tem atividades voltadas para pessoas em situação de rua?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 6 - Bibliotecas e atividades para pessoas em situação de rua

Sujeito	Expressões-chave	Ideia Central
----------------	-------------------------	----------------------

B1	Não.	Não.
B2	Não.	Não.
B3	Não, ainda não. Quem sabe, porque eu vejo que é um público que a gente pode ter este cuidado com eles também, afinal a biblioteca é pública, e eu entendo que público é para todos.	Não.
B4	Especificas a gente não tem nada devido à falta de procura né.	Não.

Neste quadro podemos verificar apenas um discurso produzido pelos respondentes: 1º discurso: Não (B1, B2, B3, B4). Nota-se então que as bibliotecas públicas de Rio Grande não possuem atividades específicas para pessoas em situação de rua.

A biblioteca considera que o morador de rua seja um usuário potencial?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 7 - Pessoas em situação de rua como usuário potencial

Sujeito	Expressões-chave	Ideia Central
B1	Sim. É, potencial se ele vier aqui e quiser alguma coisa a gente atende. É um usuário potencial como qualquer outra pessoa.	Sim, se ele quiser vir.
B2	Sim, com certeza.	Com certeza.
B3	É com certeza.	Com certeza.
B4	Com certeza, qualquer usuário que procura a biblioteca é bem atendido, se torna um usuário em potencial.	Sim, se ele quiser vir.

No quadro vemos dois discursos dos respondentes. 1º discurso: Sim, se ele quiser vir. (B1, B4). 2º discurso: Com certeza. (B2, B3). Percebe-se em ambos os discursos que todos consideram a pessoa em situação de rua como usuário potencial, no entanto, B1 e B4 acreditam que o usuário precisa procurar a biblioteca para efetivar sua potencialidade.

A biblioteca considera importante a disponibilidade de atendimento ao morador de rua?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 8 - Importância do atendimento a pessoa em situação de rua

Sujeito	Expressões-chave	Ideia Central
B1	-	-
B2	Sim, sempre, uma que a gente vai socializar eles, outra que eles têm um lugar seguro para ficar, é um aprendizado para nós que trabalhamos na referência, até mesmo a lidar com eles, então é muito importante, muito mesmo.	Sim, pois a biblioteca é um lugar seguro e socializador.
B3	Eu acredito que sim, mas para isto tem [que] ter um espaço. A biblioteca aqui é bastante pequena, então o que acontece muito aqui na Amaury é o empréstimo de livros, daí vem uma coisa que de repente pode impactar com o morador de rua que é um pré-requisito que [para a] pessoa para se associar na biblioteca ela precisa ter um comprovante de residência este comprovante de residência, identidade e CPF. De repente isto pode ser uma barreira para o morador de rua e aí a gente tem que repensar esta política vamos dizer assim de organização da biblioteca, no sentido de que já que ela é pública que seja pública para todas incluindo o morador de rua, então por isso que eu digo há de se pensar.	Sim, porém temos requisitos que poderiam impedi-los.
B4	Como qualquer outro usuário. Porquê de uma forma ou de outra você está ajudando no crescimento dessa pessoa, não é? Tanto que tu acaba ajudando ele intelectualmente e conseqüentemente nas outras atividades, na vida pessoal dele.	Sim, porque de certa forma a biblioteca ajuda no crescimento pessoal do morador de rua.

No quadro nota-se a presença de três discursos. 1º discurso: Sim, pois a biblioteca é um lugar seguro e socializador (B2). 2º discurso: Sim, porém temos requisitos que poderiam impedi-los (B3). 3º discurso: Sim, porque de certa forma a biblioteca ajuda no crescimento pessoal do morador de rua (B4).

Não há uma predominância de discursos, sendo que B1 não respondeu. Apesar de todos concordarem com o fato de ser importante o atendimento ao morador

de rua, cada discurso apresenta um fator diferenciador desta importância, B2 acredita que a biblioteca é um espaço seguro e socializador, B3 acredita que a biblioteca tem requisitos que impedem o uso pelo morador de rua, B4 acredita que a biblioteca ajuda o morador de rua.

A biblioteca tem parcerias com instituições que atendem o morador de rua?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 9 - Instituições parceiras

Sujeito	Expressões-chave	Ideia Central
B1	Não.	Não.
B2	Não.	Não.
B3	Não tem, e esta é uma boa ideia, que tu está me dando.	Não.
B4	Não, não temos. Até o presente momento não.	Não.

Apenas um discurso é produzido pelos respondentes. 1º discurso: Não (B1, B2, B3, B4). Assim sendo, nenhuma das bibliotecas possuem parcerias com instituições que atendem pessoas em situação de rua.

A biblioteca tem atividades de mediação da leitura aberta à comunidade em geral?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 10 - Mediação da leitura

Sujeito	Expressões-chave	Ideia Central
B1	Na biblioteca a gente estava tendo era curso de artesanato para a comunidade em geral e a gente confeccionou no curso joguinhos infantis, e a gente fez tudo isto. Em relação a hora do conto nós estamos tendo curso as gurias estão com convênio com a FURG com o ILA vem alguma das meninas falar de algum autor brasileiro e a gente está trabalhando sobre isto para instrumentalizar para fazer contação de história.	Não, apenas artesanato. Estamos participando de um curso, para contação de histórias.
B2	Não.	Não.

B3	As atividades culturais e de mediação de leitura acontecem no verão, que é um projeto que a biblioteca possui, que é o Ondas da Leitura, que acontecem nos meses de janeiro e fevereiro ao lado, faz-se uma estrutura. As atividades de mediação da leitura, tinha uma contadora de história formada em biblioteconomia especializada em contação de história nós colocávamos um banner aqui chamando que era contação de história, fazia panfletagem na avenida para convidar todos que passavam por aqui, foi divulgado via blog, via Facebook, mas o público era aberto desde bebê, até pessoas adultas que participavam desta atividade.	Sim, hora do conto.
B4	A gente tem a hora do conto e temos outros projetos que a gente tem com menor infrator, a hora do conto. No CRAS que a gente faz hora do conto, hora da leitura, depende o nível.	Sim, hora do conto.

Existem três discursos que podemos ver através do quadro. 1º discurso: Não, apenas artesanato. Estamos participando de um curso, para contação de histórias (B1). 2º discurso: Não (B2). 3º discurso: Sim, hora do conto (B3, B4). O 3º discurso é predominante, sendo que a atividade relacionada a mediação da leitura compreendida pelos respondentes é a hora do conto. No primeiro discurso isto é reforçado com a resposta de B1.

A biblioteca considera importante a oferta de atividades de mediação da leitura a pessoas em situação de rua?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 11 - Oferta de atividades de mediação da leitura

Sujeito	Expressões-chave	Ideia Central
B1	Então para mim é importante atender o morador de rua como qualquer outra pessoa entendesse? Para mim a atividade é, não sei, não sei te dizer. E aqui a nossa, esta biblioteca é uma biblioteca	É importante ter atividades para todos. Mas estamos em uma biblioteca infantil que deve ser voltada para este fim.

	<p>infantil, o caráter dela e tudo a gente está tentando voltar ela mais para este lado infantil, a única preocupação no momento é isto, então assim preocupação mesmo em atendimento ao morador de rua. Mas o que seria este atendimento que tu está me dizendo?</p>	
B2	<p>É importante, mas ela não oferece.</p>	<p>É importante, mas não oferecemos.</p>
B3	<p>Sim. Porque eu acredito assim, que através da leitura, do livro, e mesmo as pessoas que não aprenderam a ler, elas através da mediação da leitura, a gente consegue mudar uma realidade que eles vivem enquanto estão na rua, as pessoas que não saibam ler por exemplo precisam de um transporte, precisam de uma informação, ela aprendendo as letras, a juntar letra, a ter este reconhecimento, vai auxiliar a vida delas. Como também elas podem ter um habito de leitura, há pessoas que são moradores de rua que já estudaram, e estudaram muito, pode ter até universitários no meio da rua e a gente não sabe, então eu acho que é uma forma também de retomar, esta questão social deles, dá uma autoestima, eu acredito muito na questão da leitura, e a leitura para todos, sem discriminação.</p>	<p>É importante, pois através da leitura, do livro, no acesso à informação as pessoas melhoram suas vidas. Podemos retomar esta questão social, a autoestima. Leitura deve ser para todos.</p>
B4	<p>Muito importante. Muito importante com certeza. É um degrau a mais que o usuário dispõe. Para ser integrado nesse meio, porque, a gente sempre faz intermediação da leitura né. [A biblioteca] é um órgão que é voltado para o incentivo à leitura.</p>	<p>É importante, pois é uma forma de integração, a biblioteca é voltada para o incentivo da leitura.</p>

Obtém-se 4 discursos distintos nos discursos dos sujeitos presentes no quadro acima. 1º discurso: É importante ter atividades para todos. Mas estamos em uma biblioteca infantil que deve ser voltada para este fim (B1). 2º discurso: É importante, mas não oferecemos (B2). 3º discurso: É importante, pois através da leitura, do livro, no acesso à informação as pessoas melhoram suas vidas. Podemos retomar esta questão social, a autoestima. Leitura deve ser para todos (B3). 4º discurso: É importante, pois é uma forma de integração, a biblioteca é voltada para o incentivo da leitura (B4). São quatro discursos, em que todos acreditam ser importante a oferta de atividades a pessoas em situação de rua, por motivos diversos.

Você acredita que a biblioteca possa ser fator de inclusão social do morador de rua?

Obtém-se o seguinte resultado nas respostas dos entrevistados:

Quadro 12 - Biblioteca como fator de inclusão social

Sujeito	Expressões-chave	Ideia Central
B1	Pode ser. Porque a biblioteca é importante. A biblioteca, o livro, leitura, estas coisas são importantes para todo o ser humano, para toda e qualquer pessoa, para incluir assim, porque através dos livros tu estuda, tu vai fazendo as coisas, tudo, sei lá eu, não sei te responder, assim, como é que tu chegou a tua graduação não foi lendo estudando, não é o livro a leitura que te abriu portas? Porque que para eles não poderia? Entendeu? Então, eu acredito que sim.	Sim, pois assim como o livro e a leitura, a biblioteca é importante para todo ser humano. Abre caminhos e portas.
B2	Sempre, porque é um lugar muito importante para eles virem, é onde eles se sentem seguros. Ele vai ter o material que ele pede, porque geralmente eles pedem o material e sempre tem aqui para eles, eles ficam no salão pesquisando o que querem a tarde inteira ou a manhã inteira, e a gente vai aprendendo a lidar com eles, a gente vai vendo várias	Sim, pois a biblioteca é um lugar seguro, tem o que pedem, eles podem permanecer, toda a manhã, ou tarde. Nós aprendemos a lidar com eles, no dia a dia.

	situações no dia a dia que a gente aprende a conviver com eles.	
B3	Sim, com certeza eu acho que este é um dos papéis fundamentais da biblioteca pública, é isso, ela aproximar as pessoas independente de quem são, dos livros, porque de nada adianta a gente ter uma estante com livros e eles ficarem todos bonitinhos na prateleira... se a gente não tiver pessoas para olhar, para ver, para ler, para mudar as páginas. Não adianta, e mesmo que este público seja o morador de rua, é a forma de resgate a sociedade, acredito muito, leitura para eles, para todos.	Sim, este é um dos papéis fundamentais da biblioteca, aproximar dos livros todas as pessoas. A leitura deve ser para todos.
B4	A biblioteca é fator de inclusão. Eu trabalho muito com inclusão, inclusive se alguém fizer um projeto com o morador de rua com certeza a minha biblioteca estará a disposição. Porque eu acho muito importante, tu agregar todo o segmento da sociedade e muitos desses moradores de rua não tiveram né, a contemplação com um diferencial, e a biblioteca se torna o diferencial na vida deles, e é um incentivo à leitura com certeza!	Sim, eu trabalho com inclusão, estou disposta a executar projetos com morador de rua. É importante agregar, a biblioteca é um diferencial, é um incentivo a leitura.

O quadro acima mostra quatro discursos dos respondentes, sendo que todos acreditam que a biblioteca possa ser fator de inclusão social do morador de rua. 1º discurso: Sim, pois assim como o livro e a leitura, a biblioteca é importante para todo ser humano. Abre caminhos e portas (B1). 2º discurso: Sim, pois a biblioteca é um lugar seguro, tem o que pedem, eles podem permanecer, toda a manhã, ou tarde. Nós aprendemos a lidar com eles, no dia a dia (B2). 3º discurso: Sim, este é um dos papéis fundamentais da biblioteca, aproximar dos livros todas as pessoas. A leitura deve ser para todos (B3). 4º discurso: Sim, eu trabalho com inclusão, estou disposta a executar

projetos com morador de rua. É importante agregar, a biblioteca é um diferencial, é um incentivo (B4).

4.4.2 Análise dos discursos das bibliotecas: Usuários, leitura, mediação e inclusão social

As pessoas que trabalham na biblioteca ao relatarem do atendimento a pessoas em situação de rua e sobre usuários potenciais, utilizam em seu discurso, na sua grande maioria, a necessidade do morador de rua procurar a biblioteca, para que o atendimento seja realizado, não possuindo atividades de convite ou qualquer outra específica para este público. O que demonstra o despreparo no olhar a este público específico. O fato de se sentirem excluídos, fazem com que as pessoas em situação de rua, não procurem por espaços públicos por medo de não serem atendidos. Vemos esta afirmativa na Pesquisa Nacional realizada pelo Meta (2008).

Além disto, as bibliotecas precisam ter formas de atrair o público para seu meio, a maioria das bibliotecas entrevistadas não têm atividades de mediação da leitura, e as que tem, são específicas ou por datas, ou para públicos específicos. O que dificulta também o acesso do público em geral. Sobre o papel da biblioteca podemos verificar que

A Biblioteca pode ser entendida como um aparelho cultural, principalmente a Biblioteca Pública, que deverá ter uma função social atuante para o seu usuário. A importância da função social está na mediação da formação do sujeito e o desenvolvimento da cidadania. De acordo com Almeida Júnior (2003, p. 68), são quatro as funções da Biblioteca Pública. São elas, as funções educacional, informacional, **cultural** e de lazer. (BAZÍLIO, p. 15, 2014)

Ou seja, as bibliotecas públicas não podem ser apenas pontos de leitura, elas precisam sair desta zona de conforto, atuar em sua função social. Assim é preciso repensar o espaço da biblioteca pública, ela não pode se isentar de seus compromissos. Vemos nos discursos o que parece ser a retirada da responsabilidade da biblioteca com relação ao atendimento das pessoas em situação de rua, afirma-se ser o pouco espaço, a não procura, a falta de equipamentos.

É fundamental que se conheça a ecologia social em que se insere a Biblioteca Pública para que sejam criados produtos e serviços que atendam à dona de casa, os idosos, às comunidades da periferia das cidades, o trabalhador de longas jornadas que dispõe de horários reduzidos para a leitura, a informação e o lazer. Enfim, que atue como uma verdadeira universidade popular atendendo, a partir do local onde fisicamente se situa a uma segmentação de público de sua comunidade (CUNHA, 2003, p. 69 apud BAZÍLIO, 2014, p. 24).

A que atende alguns deste público, seleciona seus pedidos e direciona estes usuários. Porém não proporciona, atividades fora deste contexto. O que talvez explique o uso da biblioteca pelos mesmo usuários sempre. E não a atratividade para outros. O que percebemos a falta de visão para os usuários potenciais, até mesmo, no dia a dia das outras bibliotecas. Quando questionadas sobre o morador de rua ser um usuário potencial, todas concordam. No entanto, todas acreditam que se ele quiser ele vai procurar a biblioteca. Perde-se aqui o sentido do potencial. O usuário potencial, não é somente aquele que procura a biblioteca. É o que não procura a biblioteca.

[...] Mas ao seu lado existem vários segmentos da população que, mesmo não utilizando a biblioteca, não deixam de ser um público em potencial. Exemplos: o operário que trabalha o dia todo e pode encontrar na biblioteca uma alternativa de lazer e informação à noite ou nos fins de semana; a dona de casa e as possibilidades que terá ao buscar dados referentes aos seus interesses. Crianças que, excluindo as pesquisas escolares, teriam a muitas atividades a desenvolver no campo do lazer e da busca de expressão. (MILANESI, 1986, p. 11 apud BAZÍLIO, p. 25, 2014).

É importante esta reflexão porque as vezes os bibliotecários se preocupam tanto com as técnicas biblioteconômicas e esquecem de atrair o público, de realizar ações para entretenimento para o usuário. É preciso estimular a criatividade, produzir conhecimento. Não se deve deixar de lado o norteio de suas práticas e reflexões, o bibliotecário precisa se preocupar com o sujeito, o social, a comunidade e a construção da cidadania. O bibliotecário não pode ser visto com um arrumador de espaços, de acervos, colocador de livros nas estantes. Ele precisa saber seu papel e cumpri-lo. Existem as limitações recorrentes do dia a dia, trabalhar com um público específico é modificar toda a rotina da biblioteca, porém é um ato necessário, desarrumar, para arrumar. (MILANESI, 1986 apud BAZÍLIO, 2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito na introdução deste trabalho, nosso principal objetivo foi identificar o nível de comprometimento das bibliotecas públicas com relação à mediação da leitura, como forma de possibilitar a inclusão social de pessoas em situação de rua. Sobre esta questão, é preciso salientar que as bibliotecas públicas de Rio Grande, RS em sua grande maioria, não realizam atividades de mediação da leitura para este público. Vimos que por condições de espaços físicos ou por falta de conhecimento a respeito deste usuário potencial, os indivíduos entrevistados acabam não conseguindo responder o que as bibliotecas poderiam oferecer para estes, em especial. Vimos que a única biblioteca que atende pessoas em situação de rua, já tem um público específico, com quem lidam, não atraindo demais públicos. Percebemos que a solução que tem dado certo para questões de mediação da leitura, bibliotecas públicas e pessoas em situação de rua, são as parcerias com entidades que acolhem estes indivíduos. Sendo assim, seria preciso repensar as bibliotecas públicas para realizarem atividades além de suas paredes.

Nos objetivos específicos realizamos a identificação do morador de rua, que são em sua maioria homens, leitores, com grande interesse por gibis e jornais, que frequentaram bibliotecas escolares na infância e tem interesse em participar de atividades em bibliotecas públicas. A maioria destas pessoas em situação de rua não frequentaram bibliotecas públicas, não sabem de sua existência, localização ou quais atividades estas fornecem. E acreditam que a biblioteca pública seja um bom lugar para se estar.

É preciso que as bibliotecas enxerguem o morador de rua como usuário potencial, que desenvolvam atividades que fomentem a suas vontades e seu desejo de pertencimento. Rio Grande possui 3 bibliotecas públicas e 1 de caráter público, localizadas em pontos estratégicos, centro e bairros. Que podem se utilizar de seus potenciais para garantirem seus papéis.

Consideramos que todos os objetivos foram concluídos nesta pesquisa, acreditamos que a construção de parcerias entre bibliotecas e entidades como a ASSORAN e o Centro POP seja a melhor solução para o atendimento de pessoas em situação de rua. É necessário que o Município promova atividades de capacitação e

atualização para os bibliotecários e pessoas que atuam em bibliotecas da cidade, compreendendo diversas atividades do currículo biblioteconômico, com ênfase em leitura, ação cultural e lazer. As bibliotecas de Rio Grande, realizam a mediação da leitura, disponibilizando o acesso, no entanto, faltam atividades de ação cultural, atividades voltadas para atrair o público de maneira geral. Que sejam atrativas e prazerosas.

Através da literatura estudada vemos que é preciso uma readequação dos espaços das bibliotecas públicas e da abrangência de seus serviços. Acreditamos que a função principal da biblioteca pública esteja ligada ao atendimento de todos os públicos, incluindo-os e possibilitando a realização de múltiplas leituras, de acordo com a vivência de cada pessoa.

Entendemos que este estudo é uma proposta inicial sobre o tema, nesta cidade, e que seja necessário um estudo conjunto realizado com as entidades governamentais do município. Contudo, consideramos que sejam necessárias ações conjuntas das entidades que acolhem estes moradores e outras entidades governamentais e não governamentais. Para um estudo mais aprofundado, sobre diversas questões deste público.

Assim concluímos que a participação de pessoas em situação de rua nas práticas de leitura é uma possibilidade de constituição do sujeito e de sua reinserção social. Existe nele o interesse pela leitura, a vontade de ser convidado a participar de atividades relacionadas às bibliotecas públicas. Sendo assim cabe a biblioteca pública efetivar seu papel social na comunidade, indo em busca de usuários, saindo de seus espaços físicos. Ao bibliotecário de maneira geral é necessário um olhar humanizado, desvinculado da técnica, este necessita atualizar-se constantemente, e verificar o público a volta de seu espaço de trabalho, e convidá-lo a participar. As entidades governamentais, cabe o investimento, o cuidado com as bibliotecas e as pessoas que trabalham lá.

Por fim, acreditamos que muito crescemos com todo este trabalho e que saímos honrados em terminá-lo, pois muito aprendemos. Nos foi grandiosamente gratificante.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. S; GONÇALVES, R. B. Inclusão social e suas abordagens na Ciência da Informação: análise da produção científica em periódicos da área de Ciência da Informação no período de 2001 a 2010. **Encontros Bibli**, v. 18, p. 239-264, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/tPa4kk>>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- BAZÍLIO, A. P. M. **Mediação, leitura e inclusão social**: um caminho para ação cultural na Biblioteca pública o caso das Bibliotecas Parques. 119 f. Dissertação (Mestrado Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense. 2014. Disponível em:<<https://goo.gl/nA6YYg>>. Acesso em 26 abr. 2016.
- BRASIL. Decreto Federal nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. In: **Diário Oficial da União**, Brasília. Seção 1, p. 16. Disponível em: <<https://goo.gl/sAJOjj>>. Acesso em: 02 abr. 2016.
- GOMES, T. C. S.; SANTOS, T. G. D. Os invisíveis que eles querem esconder: A luta por direitos básicos, a violência e os reflexos da Copa do Mundo FIFA 2014. In: CONPED; UFF (Orgs.) **Direitos sociais e políticas públicas I**. Florianópolis: FUNJAB, 2012. p. 450-479. Disponível em: <<https://goo.gl/Q6Yc5q>>. Acesso em: 11 de nov. 2016.
- KOONTZ, C.; GUBBIN, B. (Ed). **Diretrizes da IFLA Sobre os Serviços da Biblioteca pública**. 2. ed. Lisboa, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/HLhn3j>>. Acesso em: 26 abr. 2016
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O Discurso do Sujeito Coletivo**: Um enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. Ed. São Paulo: EDUCS, 2005.
- LEFFA, V. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996. Disponível em: <<https://goo.gl/T4WXNV>>. Acesso em 26 abr. 2016
- LOPES, J. R. L. **Direitos sociais**: teoria e prática. Editora método: São Paulo, 2006.
- MARCUSHI, L. A. **Análise da conversação**. 2. ed. Ática: São Paulo, 1991.
- MENDES, M. V. B. **Os moradores de rua e suas trajetórias**: Um estudo sobre os territórios existenciais da População de Rua de Belo Horizonte. 130 f. (Mestrado Sociologia) - Universidade Federal De Minas Gerais. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/mt7YFs>>. Acesso em: 26 abr. 2016.
- META INSTITUTO DE PESQUISA DE OPINIÃO. **Sumário executivo**: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Porto Alegre, 2008. Acesso em: 08, abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/eo08kg>>. Acesso em: 26 abr. 2016.
- QUINTÃO, P. R. **Morar na rua**: há projeto possível? 150 f. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/zif4Oy>>. Acesso em 26 abr. 2016.

RODRIGUES, A. E. G. et al. Leitores de rua. In: **Seminário de iniciação científica da FESPSP**, 2., São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/2TpSlm>>. Acesso em 26 abr. 2016.

SANTOS, M. L. D. M. **Vozes na rua**: práticas de leitura e escrita e construção de uma nova imagem do morador em situação de rua. 317 f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/0VOtVC>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

SARLET, I. W. **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais**. 4. ed. rev. atual. Livraria do advogado editora: Porto Alegre, 2006.

SILVA, E. S. As entrelinhas da inclusão/exclusão social na atualidade: uma discussão conceitual. In: **Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 6., 2011, São Luís. *Anais...*São Luís, p. 1-9. Disponível em:<<https://goo.gl/4PwIHT>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

UNIC. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

APENDICE A - Roteiro de entrevista 1 – Pessoas em situação de rua**Idade:****Gênero:****Cidade de origem:****Motivos que levaram a situação de rua:** Desemprego Conflitos com a família Dependência química Migração Outro. Qual? _____**Nível de escolaridade:** Não estudou Fundamental incompleto Fundamental completo Ensino médio incompleto Ensino médio completo Superior incompleto Superior completo Pós-graduação**Profissão:****Ocupação:****Estado civil:****Tem família, filhos?****Sabe ler?****Alguém já leu para você?****Gosta que leiam para você?****Costuma ler?**

Sim

Não

O que gosta de ler?

Livros

Revista

Jornais

outros

Onde consegue o que lê?

Já esteve ou frequenta alguma em uma biblioteca?

sim. O que fez por lá?

não. Por quê?

Gostaria de frequentar bibliotecas? Quais?

Por qual(s) motivo(s)?

APENDICE B - Roteiro de entrevista 2 – Bibliotecários

Nome da Biblioteca:

A biblioteca atende pessoas em situação de rua?

() sim. Quantos por mês? Como ocorre esse atendimento? Que tipo de produtos e serviços prestou?

() não.

A biblioteca tem atividades voltadas para o morador de rua?

() sim. Quais?

() não. Por quê?

A biblioteca considera que o morador de rua é um usuário potencial?

() sim.

() não.

A biblioteca considera importante a disponibilidade de atendimento ao morador de rua?

() sim. Por quê?

() não. Por quê?

A biblioteca tem parcerias com instituições de atendimento ao morador de rua?

() sim. Quais instituições? Como ocorre a parceria?

() não.

A biblioteca promove atividades de mediação da leitura aberta à comunidade em geral? (Como a hora do conto?)

() sim. Quais?

() não.

A biblioteca considera importante a oferta de atividades de mediação de leitura para pessoas em situação de rua?

() sim.

() não.

A biblioteca já recebeu pessoas em situação de rua em busca de atendimento serviços?

() sim. Quais?

() não.

A biblioteca já negou atendimento ao morador de rua por entender que não possui estrutura para seu atendimento?

() sim. Especifique:

() não.

A biblioteca já negou atendimento ao morador de rua por não acreditar possuir pessoa capacitada para seu atendimento?

() sim. Como foi a situação? Por qual(is) motivos negou? Como o morador se portou diante desse impedimento?

() não.

Você acredita que a biblioteca pode ser fator de inclusão social do morador de rua?

() sim. Por quê?

() não. Por quê?

Comentários livres:

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Estou realizando uma pesquisa sob a supervisão dos professores Gisele Dziekaniak e Claudio Renato Moraes da Silva, cujo objetivo é identificar o grau de comprometimento das bibliotecas públicas com relação à mediação da leitura, como forma de possibilitar a inclusão social de pessoas em situação de rua.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se você permitir, com duração de aproximadamente 3 minutos.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora a qualquer momento através do email say.hunm@gmail.com ou pelo telefone 99858329.

Atenciosamente,

Nome e assinatura da estudante

Local e data

Matricula:

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura da participante

Local e data